



Marco N° 1 - Cevide

Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

Taxa Paga Portugal Linda a Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1440 | 1 de Julho de 2020 | Preço Avulso Euros 1,50
 Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

Temos Mãe

É esta maravilha que temos a anunciar ao mundo:
 Que...
 Temos uma Mãe,
 para os jovens e o mais idosos!
 Para os pobres e os abandonados!
 Para os doentes e as pessoas com debilidade!
 Temos uma Mãe, para os que perderam o emprego!
 Para os que desesperam pelo perdão!
 Para os refugiados da guerra e as vítimas de injustiça!
 Temos uma Mãe, para todos os emigrantes que vivem longe das suas mães! Para os que perderam a esperança num mundo melhor!
 Para os que deixaram de acreditar no Crucificado!
 Temos uma Mãe, para todos os peregrinos que buscam o sentido de Deus! Para todos os heróis anónimos no combate ao covid-19!
 E, por causa desta pandemia, temos também uma Mãe para todos os filhos que perderam a sua mãe,
 e para todas as mães que perderam os seus filhos!
 Mãe continua a guardar tudo e todos no teu Imaculado Coração.

D. Américo Aguiar
 Bispo Auxiliar de Lisboa
 Fátima, 13 de junho de 2020

Projecto de policultura na Branda da Aveleira já desponta também com Alvarinho P.10



Batateiro aposta na produção de batata P.19



Associação de Bloggers de Viagem Portugueses lançam em Castro Laboreiro o livro: "Viagens de uma Vida" P.26



CARDEAL TOLENTINO NO 10 DE JUNHO P.2

DIA DE PORTUGAL À DISTÂNCIA P.3

O FORNO DE TELHA DE LAMAS DE MOURO P.6

OS MILHÕES DO RIGOR E OS DA FICÇÃO P.13

MEMORIAL DO CICLO FESTIVO P.14-15

MAIS UMA EQUIPA DE APOIO AOS BOMBEIROS DE MELGAÇO PARA O COMBATÊ AOS INCÊNDIOS P.16

PEDIDO CARTÃO DE CIDADÃO TRANSFRONTEIRIÇO P.17

TELETRABALHO, O MAIOR SUCESSO DA COVID-19 P.18

COMISSÃO POLÍTICA DO PS MELGAÇO APROVOU MOÇÃO SOBRE SITUAÇÃO DA COVID-19 P.27

VIAGENS: EM TERRAS ALPINAS P.24-25
 INDONÉSIA P.30-31

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
 4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
 comercial@quintadoregueiro.com



Cardeal Tolentino de Mendonça no 10 de Junho

João Aguiar Campos

Estava aqui, ansioso, a ver qual o meio de comunicação social que ganharia um doce, oferecendo a versão escrita do discurso do cardeal Tolentino nas comemorações do 10 de Junho...

Como ainda não o encontrei, atrevo-me a destacar algumas das frases que registei:

1. «Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se a responsável por ele; pois quando arquitectamos uma casa não podemos esquecer que, nesse momento, estamos também a construir a cidade»;

2. Camões «não nos deu só o poema. Camões deixou-nos a herança, a poesia (...) Iniciou o inteiro povo nessa inultrapassável arte de navegação interior que é a poesia»;

3. OS LUSÍADAS: «um livro que nos leva por mar até à Índia; mas que nos conduz por terra ainda mais longe. Conduz-nos a nós próprios»;

4. Papel central da CULTURA na construção de um país: «Camões desconfinou Portugal no séc. XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro mestre na arte dos desconfinamentos»;

5. DESCONFINAR «é não se conformar com os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo. Numa estação de tectos baixos, Camões é uma inspiração para sonhar sonhos grandes»;

6. Canto VI - a TEMPESTADE que pôs as raízes voltadas para o céu e mostrou a sua vulnerabilidade: «Não há super-países nem existem super-homens. Todos somos chamados a perseverar com diligência nas nossas forças e a tratar com sabedoria as nossas feridas»;

7. DIA DE PORTUGAL: oportunidade para pensar e amar o que é um país: «O amor pelo nosso país pedenos que coloquemos em prática não só a admiração e o orgulho, mas também a compaixão, que é uma forma de amar no seu sentido mais nobre e que essa seja visível no exercício efectivo da fraternidade (...) «É nesse chão de todos que precisamos, como comunidade nacional, de firmar ainda as nossas raízes».

A RAIZ DA CIVILIZAÇÃO É A COMUNIDADE

8. «Celebrar o Dia de Portugal é redescobrir e reforçar o pacto comunitário que é a nossa raiz, sentir que fazemos parte uns dos outros, empenharmos-nos na qualificação da vida comum, ultrapassando a cultura da indiferença e do descarte»

9. «Um comunidade desvitaliza-se quando perde a dimensão humana, quando deixa de colocar a pessoa no centro ou quando não se empenha devidamente a em tornar constante a justiça social».

10. Reforçar o PACTO COMUNITÁRIO implica, entre nós, «relançar a aliança interoperacional. O pior que poderia acontecer seria arrumar a sociedade em faixas etárias...»

11. «Precisamos de uma visão mais inclusiva do contributo das diversas gerações. É um erro pensar uma geração como dispensável como um peso, pois não po-

dem viver uns sem os outros».

12. PANDEMIA e IDOSOS: Os idosos «têm sido as principais vítimas da pandemia. E não é só porque a sua situação de saúde os coloca como população de risco; também socialmente os idosos estão transformados em população de risco, que nós não queremos ver: são mais sós, mais pobres, remetidos por vezes para precário contexto de institucionalização, vendo a sua função humana e social esquecida, quando não desvalorizada».

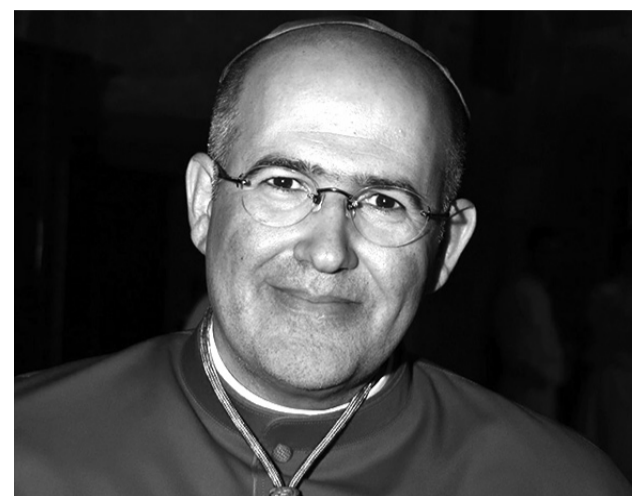
13. «Uma raiz do futuro de Portugal passa por aprofundar a contribuição dos seus mais velhos, ajudando-os a viver e a assumir-se como mediadores de vida para as novas gerações (...) Os idosos são extraordinários mediadores de vida e a comunidade deve ser a primeira interessada em beneficiar do seu contributo»

14. JOVENS ADULTOS: «Robustecer a aliança interoperacional é também para outro das nossas gerações mais vulneráveis - a dos jovens adultos abaixo dos 35 anos (...) muitos deles remetidos para o adiamento de sonhos pessoais e familiares»;

15. Fundamental é, ainda, o desafio da INTEGRAÇÃO: ajudar a construir raízes, com políticas apropriadas e a participação do conjunto da sociedade. «Sem compaixão e sentido de fraternidade, não há comunidade presente ou futura digna desse nome; e fortalecem-se os muros (...) A comunidade não se reforça esquecer as periferias, mas fazendo delas o motor da sua própria coesão».

16. ECOLOGIA: «A pandemia veio impor a urgência de um novo pacto ambiental. Hoje é impossível não ver a dimensão do problema económico e climático que têm clara raiz sistémica. Não podemos chamar progresso àquilo que para as frágeis condições do planeta ou para a existência dos outros seres vivos tem sido uma evidente regressão»

17. LAUDATO SÍ: «Um dos textos centrais do sec. XXI». «O Papa Francisco exorta a uma ecologia integra, onde o presente e o futuro da nossa humanidade sejam pensados a par do presente e do futuro da grande casa comum.».



18. «Precisamos de construir uma ecologia do mundo onde, em vez de senhores despóticos, apareçamos como cuidadores sensatos, praticando uma ética da criação que tenha expressão efectiva nos tratados transaccionais, mas também nos nossos estilo de vida, nas escolhas e nas expressões mais domésticas do nosso quotidiano».

UM PAÍS COMO Viagem

19. Camões representou Portugal como um país em viagem: «PORTUGAL É UMA VIAGEM que fazemos juntos há quase nove séculos. E o bem maior que esta nos tem dado é a possibilidade de se em comum. Esta tarefa apresenta-se sempre inacabada de plasmar uma comunidade aberta e justa, de mulheres e homens livres, onde todos são necessários, onde todos se sentem e efectivamente são co-responsáveis pelo incessante trânsito que ligar a cumplicidade de raízes à composição ampla e esperançosa do fui. Portugal é se será, por isso, uma viagem que fazemos juntos».

20. «Uma viagem assim não se esgota (...) na finalidade da história, mas constitui antes uma espécie de rasto do fulgor que exprime a ardente natureza do sentido que juntos interrogamos».

Festa de Santa Rita

Segundo «O Vinhateiro» de 8 a 14 de Junho, as ofertas em Santa Rita, por ocasião da festa em 31 de Maio e 1 de Junho foram as seguintes: 1.690,00 euros no Domingo e 640 euros na segunda. Acresceram mais 95 euros do Lampadário, 90 euros, no Cofre e 100 euros para obras.

Confraria das Almas – São Paio

Ainda segundo «O Vinhateiro», a Confraria das Almas recebeu de anuais em 2019 2.600 euros, e 1.150 euros de ofertórios. As despesas em 2019 foram de 700 euros. O saldo foi de 3.050 euros. Acrescentando o saldo anterior de 2.466,70 euros, dá um saldo total de 5.516,70 euros.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Ancora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadalete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-imprensa:
Amigos de «A Voz de Melgaço»

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Dia de Portugal à Distância

Contribuição para o programa Portugal no Mundo RTP

Carlos Pereira de Lemos

O Dia de Portugal, para mim, é dia de relembrar onde vim e quem sou.

Embora tenha partido de Portugal há mais de sessenta anos, a minha ligação à terra onde nasci aumentou. E agora, aos 94, a memória está cada vez mais fixa nos lugares onde cresci.

Ao longo da minha vida recebi várias homenagens e condecorações, incluindo a Ordem de Mérito de Portugal, a Ordem da Austrália e a Ordem de Timor Leste, mas a que mais apreciei com grande emoção, foi ter sido eleito, pela Câmara Municipal, 'Cidadão de Mérito' da Vila de Melgaço, a terra onde nasci.

Procurei sempre promover Portugal não só a nível particular mas em especial como Cônsul Honorário em Melbourne durante 31 anos. Nesta capacidade sempre participei no Dia de Portugal, fiz muitos discursos, sem-

pre puz em relêvo a história de Portugal e importância de não esquecer a língua portuguesa.

Orgulho-me de ter erigido um Padrão e os bustos de Vasco da Gama e do Infante Don Henrique numa cidade australiana para celebrar os navegadores portugueses de antanho, e sempre encorajei os jovens a estudar história e a língua Portuguesa, que são a raiz do que hoje somos, onde quer que nos encontremos.

Na mesma cidade de Warrnambool também estabeleci o Festival Português, há trinta anos, que continua a realizar-se, o qual atrai centenas de portugueses e permite divulgar aos locais a cultura e a história de Portugal.

Finalmente resta dizer que à distância, Portugal está cada vez mais, na nossa memória.

Cá de longe, da Austrália, envio a todos os portugueses abraço fraternal, com votos de que em 2021



cantemos juntos o Hino de Portugal. Mas, entretanto, devemos manter o coronavírus à distância.

Melbourne, 10 de Junho, 2020

Clínicas Osteo+ | A nova normalidade

Em que medida mudou o atendimento nas Clínicas Osteo+?

O atendimento em consulta é praticamente o mesmo, simplesmente com equipamento de proteção mais completo e maior número de desinfecções. O atendimento em receção está limitado, privilegiando os contatos à distância, sendo que toda a informação que se fornece presencialmente pode perfeitamente ser passada por telefone, email, facebook ou whatsapp das clínicas.

O que condiciona o acesso às clínicas?

Atualmente atendemos à porta fechada, com entrada condicionada pela medição de temperatura corporal com termómetro sem contacto, utilização de máscara e desinfecção das mãos. Caso seja detetada uma temperatura superior a 37°C o paciente será encaminhado para o Centro de Saúde local.

A marcação de consultas manteve-se?

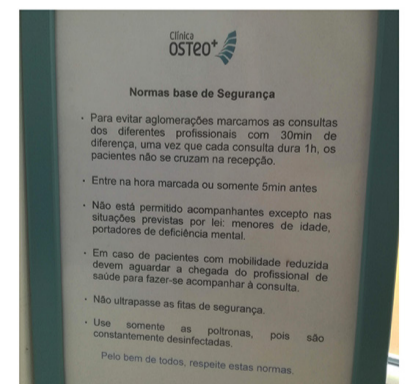
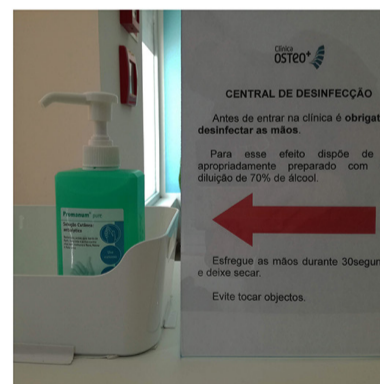
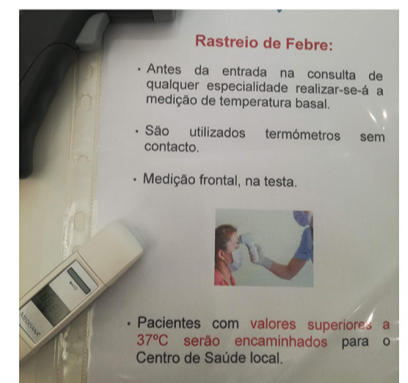
A marcação prévia é desde sempre obrigatória e é, sendo aconselhada uma antecedência mínima de uma semana, o que mais se reforça nesta altura, pois devido à frequente desinfecção, o tempo de consultas é mais espaçado, diminuindo as vagas do dia para todas as especialidades.

Então a lista de espera aumentou?

Sim, há pessoas que se magoam e querem consulta de imediato, mas temos que ter em conta que há uma agenda pré-programada e pacientes que estão à espera de consulta por vezes há um mês e não podemos prejudicar nenhuma parte nem comprometer um atendimento digno.

Como se poderia diminuir essa lista de espera?

É de extrema importância que o paciente avise quando não possa comparecer à consulta, pois assim conseguimos atender as pessoas que estão com dor e em lista de espera. Há que entender que se nos avisa "em cima da hora" ou falta sem aviso prévio é-nos impossível chamar quem está à espera de atendimento urgente.



Visite-nos

Um novo conceito
em Reabilitação
Oral



Saiba mais na
EstheticSmile

Tlf. +351251404002
808215415

Largo da feira - Melgaço

Utilizamos Tratamentos combinados com as mais diversas técnicas para a solução do seu problema de DTM/DOF.

ÁCIDO HILAUROÊNICO TOXINA BOTULÍNICA AGULHAMENTO SECO

Visite-nos na
EstheticSmile
Tlf. +351251404002
808215415

Ozonoterapia

Laserterapia
no tratamento da
atm

Largo da feira - Melgaço

Do “Vale do Lima” XIX

P. M. Domingues

Ainda sobre o Canto Natalício de Beijar o Menino em Fiães-Melgaço. A música em pauta e comentada.

BENDITO E LOUVADO SEJA
(Canto Natalício - Fiães - Melgaço)

HOMENS

Ben - di - to e lou - va - do se (ja) o san -
tis - si - mo par - to da Vir - gem Ma - ri - al

MULHERES

Lou - vem, no céu e na ter - ra, An - jos e
ho - mens com san - ta por - fi - al

“A música apresenta uma estrutura simples, quase em estilo de recitativo, igual para as duas invocações, com pequenos acertos em função do número de sílabas do texto, um pouco maior na resposta das mulheres. A melodia desenvolve-se num âmbito muito limitado de uma quinta diminuta (ré#-lá na nossa transcrição), e de pendor já muito próximo do estilo tonal pela influência marcante da sensível. No entanto, o facto de começar na 3.^a (sol) aponta para uma original estrutura modal, desenvolvida no âmbito de um tetracorde (mi-lá) que é o segundo do modo de Mi Plagal (si-dó-ré-mi + mi-fá-sol-lá). Partindo da dominante (sol) tende para a região inferior até atingir a tónica (mi) depois da passagem pela subtónica sensibilizada (ré#).

Podemos assinalar um certo lirismo e cedência ao gosto popular na presença de um intervalo muito característico de quarta diminuta descendente (sol-ré#) o qual se afirma como identificativo desta simples melodia.

Não poderia deixar de assinalar o facto de a mesma aclamação/jaculatória se repetir indefinidamente durante o acto de beijar o Menino Jesus, com o mesmo texto e música, mas centrando o canto de louvor não no Verbo de Deus Incarnado, acabado de nascer, mas no “santíssimo parto” da Virgem Maria de que Aquele é “santíssimo fruto”; este facto confere uma dimensão

marcadamente mariana a este canto e relaciona-o certamente com a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou Nossa Senhora do Ó bem como das “Antífonas do Ó” que marcam a proximidade do nascimento de Jesus.

Apenas por curiosidade, apresento um revestimento harmónico (acompanhamento) deste Canto no qual procuro explicar um pouco os elementos propostos pela melodia original tanto do ponto de vista dos intervalos característicos e sugestões harmónicas dos mesmos como do elemento rítmico. Do ponto de vista do estilo, a parte dos homens (vozes graves) segue uma relação mais directa com a região inferior (terra) enquanto às mulheres proponho um acompanhamento que sugere mais a região superior (celeste) através da omissão da linha do baixo.” Dr. Jorge Barbosa.

Gostaria de publicar um pequeno livro que tenho preparado sobre temas relacionados com as terras e gentes de Fiães e que se gravaram na memória do meu coração, e aí inserir este estudo para que não se perca. Entretanto, agradeço, mais uma vez, ao Dr. Jorge Barbosa a simpatia com que acolheu o meu pedido de comentar o tema do Canto Natalício de Beijar o Menino na paróquia de Fiães. Na memória anterior, comentou a letra; nesta, a música.

GAZETILHA

Álvaro Carvalho

- Vamos todos ficar bem.
- Será que vamos?!...
- Esperemos que todos fiquem bem.
- Não é ser pessimista, mas há muito boa gente que está a passar um mau bocado!...
- Como assim?
- O desemprego mata a esperança em dias melhores!... Quando não há dinheiro para matar a fome o descalabro acontece.
- E a solidão pode matar.
- O Governo fez passar medidas?!...

- Necessárias e imprescindíveis mas que não chegam a toda a gente.
- Há uma acção concertada entre os representantes políticos no parlamento!
- O estado de acção concertada começa a esvaziar-se na contenda das demarcações políticas.
- Ao Estado não compete fazer tudo!
- Se o Estado fizer o que lhe compete temos meio caminho andado. Mas o povo (queiramos ou não) tem que ter a consciência do dever cumprido. Cada cidadão tem de dar o melhor de si para se proteger a si e aos que o rodeiam.

- O que não tem remédio, remediado está.
- Esperemos que não vá de mal a pior!...
- Portugal tem-se mantido no bom caminho!
- Os Portugueses sabem o que querem, com o que podem contar e o que lhes pode ser pernicioso.
- Sabem que a solidariedade é uma bóia de salvação que tem de chegar a tudo e a todos. Mas a solidariedade por si só não basta.
- Acredito que vamos todos ficar bem.
- Milagres acontecem! E surgem de onde menos se espera!...
- Não pode faltar o pão nem falhar a educação.

Flashes do Ciclo

Fugir da luta, é cobardia, mas dá saúde

Arménio Melo

Este Adágio, era dito, aos indivíduos que fugiam, com medo de serem vencidos, o qual, poder-se-á, aplicar ao ex-Ministro das Finanças, Mário Centeno. Com efeito, Centeno entrou para o governo, quando Portugal se encontrava a sair de uma crise grave, mercê de medidas, que haviam sido tomadas, pelo governo PSD/CDS, cuja crise, foi originada por o PS conduzir Portugal à Banca Rota. Assim, Centeno não teve de tomar medidas de austeridade, como teve o governo anterior e, beneficiando de uma conjuntura internacional favorável, com o Turismo, a ser o melhor e o grande impulsionador da economia, com recorde, em vários países, principalmente em Espanha. Todavia, não acabou com a austeridade, como o governo apregoa. Efectivamente, a austeridade continua, mas de forma camuflada, ou seja, através dos impostos indirectos e Catições. Agora, a economia, desde o princípio do ano, começou a cair e o ministro das finanças e do Eurogrupo fugiu, com o Banco de Portugal, em vista. De facto, no Banco, está me-

lhor do que no governo. Centeno governou seis anos a pedalar por caminho chão e, agora sabe que tinha de subir à montanha, ou seja, pôs o seu interesse pessoal acima do interesse nacional.. Com efeito, quando Portugal precisava de uma voz avalizada em Bruxelas, para acompanhar aos auxílios à crise, em que nos encontramos, Centeno, que tinha fortes possibilidades de renovar o cargo de presidente do Eurogrupo, fugiu. O Leão que resolve. Agora, o que interessa, principalmente aos governantes, é o Futebol. Portugal recebe a fase final dos Campeões Europeus, levando o Presidente da República a fazer aquela inaudita reunião, em Belém. Efectivamente, considero que foi uma vergonha, perante os portugueses e para o mundo, quer pelos assistente, quer os discursos. Com efeito, juntar ali, Presidente da Assembleia, Primeiro Ministro, ministros e secretários, presidente da FPF, para dar a notícia de Futebol, excedeu tudo, o que é populismo. Porém, o pior foram os discursos, visto não corresponderem à realidade.

Com efeito dizer, que a escolha de Portugal, foi prémio dos bons trabalhos, dos médicos e enfermeiros, conseguindo, os bons resultados, não é verdade. 1º Portugal não foi escolhido, foi simplesmente atendido. Segundo versão do presidente da UEF, foi Portugal que se ofereceu e, como não houve mais candidatos, não podia haver escolha. 2º Portugal, ocupa o 2º lugar dos piores países da Europa. Aliás, dias antes, a maioria dos países da União Europeia abriram as fronteiras, excluindo Portugal. De facto, quem ouviu os oradores em Belém, tratando Portugal como um paraíso e, no dia seguinte, reúne o Conselho de Ministros, para alargar as restrições na área de Lisboa e concelhos limítrofes, sendo decretado a freguesias de Lisboa e concelhos limítrofes o estado de calamidade, é caso para perguntar que confiança dão estes governantes.

- SÓ CERCA SANITÁRIA À COMUNICAÇÃO DO GOVERNO PODE EVITAR O PIOR (Alfredo Leite, Diário da Manhã de 24/06/20)

Há Verões carregados de Inverno!...

Helena Matos

Somos todos diferentes e ao mesmo tempo todos iguais. Pelo menos deveríamos ser todos iguais no que diz respeito aos direitos mais básicos!...

Vivemos um momento único em que ficou provado o quão "ínfimos" e desprotegidos somos!... Num instante só um golpe de misericórdia nos pode valer.

Todos precisamos uns dos outros, sem excepção. Temos que estar atentos e tentar, quanto mais não seja, que ninguém se sinta só no meio dos seus.

Neste tempo, em que todos estamos confinados, o dia a dia tem um ritmo diferente e o presente não se pode moldar de forma egoísta.

Neste Verão levamos com o peso das invernias que aconselham o isolamento. Carregamos intempéries que geram fome e miséria nos que não têm trabalho nem meios de subsistência. Por entre as janelas vem a coragem de sonhar e esperar que a Natureza nos surpreenda com a ajuda de Deus.

Estejamos atentos e conscientes. Busquemos a prosa e poesia que nos abre os horizontes e nos toca o coração.

Aproveitando o cenário que vivemos, imaginemos a "Balada da Neve" de Augusto Gil:

*Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
e a chuva não bate assim.*

*É talvez a ventania:
mas há pouco, há pouquinho,
nem uma agulha bulia
na quieta melancolia
dos pinheiros do caminho...*

*Quem bate, assim, levemente,
com tão estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento com certeza.*

*Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
- Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!*

*Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da cor do linho.
Passa gente e, quando passa,
os passos imprime e traça
na brancura do caminho...*

*Fico olhando esses sinais
da pobre gente que avança,
e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
duns pezitos de criança...*

*E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro, bem definidos,
depois, em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los!...*

*Que quem já é pecador
sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...*

*E uma infinita tristeza,
uma funda turbacão
entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na Natureza
- e cai no meu coração.*

Em Julho não neva. Mas cresta o coronavírus que grassa e nos condiciona impondo limites e regras. Não suspendamos os afectos!

O trevo vermelho um grande aliado na menopausa

Teresa Tábuas

O **trevo-vermelho** (*Trifolium pratense*), é uma planta **comum nas pastagens naturais**. Como o nome diz, *Trifolium* é um trevo de três folhas, uma leguminosa de flor arroxeadada, muito usada para alimentação do gado, misturada com outras plantas.

Na pecuária sabe-se que, se o gado pastar excessivamente em pasto de trevos (existe o *Trifolium pratense*, vermelho, e o *Trifolium repens*, branco) reduz-se **significativamente a fertilidade das fêmeas**, o que não é um objetivo para quem quer produzir mais filhotes. Por essa razão, os trevos são incorporados à alimentação bovina, em pasto, misturados com plantas de outros tipos. É pois uma planta usada como forrageira para pastagens, feno e adubo verde, sendo considerada excelente para animais e aves.

Para nós, humanos, esta é uma das plantas não convencionais que pode ser incorporada às saladas e refogados.

Os estudos mostram que o *Trifolium pratense* possui uma **quantidade grande de isoflavonas**, razão pela qual começou a ser usada, de forma controlada, na **redução dos sintomas de menopausa**, principalmente

nos acessos de calor. A existência destes compostos, conhecidos como fitohormonas, as Isoflavonas, que possuem uma ação semelhante ao **estrógeno** (hormona feminina produzida nos ovários enquanto a mulher é fértil) faz com que o trevo vermelho seja utilizado para aliviar os **sintomas da menopausa**, além de prevenir a **osteoporose** na pós-menopausa, sendo uma alternativa natural para **reposição hormonal** em mulheres em menopausa.

O trevo vermelho é considerado uma das fontes mais ricas de isoflavonas, e o seu uso ajuda também a baixar o colesterol, a melhorar a produção de urina e a melhorar a circulação do sangue. É também usado para reduzir a possibilidade de formação de coágulos sanguíneos e placas arteriais e limitar o desenvolvimento de hiperplasia benigna da próstata.

As isoflavonas funcionam como estrogénio natural, diminuindo sintomas, tais como seios doridos, que estão associados com a fase de TPM (tensão pré-menstrual).

É contraindicado na gravidez e na lactação e,

ainda, em situações com sangramento ativos (úlceras pépticas, etc.) e disfunções hemostáticas. É aconselhável descontinuar o seu uso 14 dias antes de procedimentos dentais ou cirúrgicos, por tornar o sangue mais fluido. É possível a sua interação com anticoagulantes, antiplaquetários, drogas contendo aspirina e terapia de reposição hormonal.

Na medicina popular é usada em chás ou xaropes, em compressas ou emplastos, para casos de tosse, catarro e problemas de pele, da bronquite à psoríase.

Possui propriedades expetorante, antiespasmódica e anti-inflamatória.

É uma planta também rica em minerais e vitaminas, molibdénio, zinco, fósforo, manganês, magnésio, ferro, selénio, cálcio e várias vitaminas (vitamina B, vitamina C e vitamina E) e betacaroteno.



Aos nossos amigos

Carlos Nuno

Do caro amigo Manuel José de Freitas Rodrigues, a residir em Lisboa, recebemos uma amabilíssima carta de que registamos: «Os meus sinceros parabéns ao jornal A VOZ de MELGAÇO pelo seu feliz aniversário. Muitos anos magníficos de vida e eu sinto-me também muito feliz por isso.

Entre nesse jornal em 1961, pela mão do meu querido e saudoso amigo, senhor Padre Carlos Vaz. E hoje, com 80 anos, olhando para trás, quanta alegria sinto por tantos anos de convívio.

Envio este cheque para pagar os anos 21-22-23 e 2024. E quando chegar a 2024 pagarei mais quatro anos.

Era para ir a Melgaço este ano passar umas férias, mas, infelizmente, pelos motivos que conhecemos e pela minha saúde, não vai ser fácil. Aguardemos.

Renovo os meus respeitosos cumprimentos».

Obrigado, caro Amigo pela confiança em nós depositada e por nos referir quanta alegria tem sentido com a companhia de «A Voz de Melgaço». Essa é uma das melhores prendas para nós.

Oxalá cheguemos todos a 2024!

A D.ra Maria Albertina Afonso, de Castro Laboreiro

e a residir em Braga, também já pagou até 2023 como amiga. E o caro amigo José Afonso Marques, Zéquinha, para os amigos, de São Gregório e a viver em Orense, também já pagou 2021 como amigo.

Renovamos aos nossos prezados assinantes o pedido de pagarem a assinatura.

Relembro o NIB = 0018 0000 2863922400105.

Mais do que nunca, todos não somos demais.

O forno da telha de Lamas do Mouro

José Marques

Falar do tema em epígrafe para muitos leitores poderá ser estranho. Para nós, porém, além de darmos testemunho de uma realidade que bem conhecemos, durante muitos anos, é também uma oportunidade para recordarmos a primeira ida à Senhora da Peneda, há setenta e quatro ou setenta e cinco anos. Ir à romaria da Senhora da Peneda, implicava, então, sair de casa dois ou três dias e levar o farnel necessário para a duração da ausência, bem como a roupa para os dias de festa. Fazer esta viagem por caminhos e carreiros, com o indispensável mencionado, se não era fácil, permitia gozar da alegria e da boa disposição que se respirava no conjunto dos vizinhos, irmanados no espírito festivo.

Depois de atravessar os montes sobranceiros a Cavaleiro-Alvo e Cubalhão, percorrido o carreiro da Costa Má, situado acima da conhecida Volta Grande da estrada de Melgaço – Castro Laboreiro, atravessava-se, então, a povoação de Lamas do Mouro, rumo à igreja, inflectindo-se, depois, para as Veigas, onde, então, começavam a desenvolver-se as primeiras intervenções dos Serviços Florestais. Já nas Veigas, antes de chegarmos ao regato, que pouco mais à frente entra no Rio Mouro, nascido na encosta do Lagarto, no contexto daquele descampado, coberto de mato rasteiro, emergia um pequeno tufo de urzes, onde, ao passarmos junto dele, meu avô materno, Manuel José Meleiro, informou: - «Diziam os antigos que aqui era o forno da telha», de que não se descobria qualquer vestígio. Certamente, foi por isso que a afirmação ficou gravada nas mentes.

Mais tarde, quando meu pai, Manuel António Marques, era o guarda florestal, responsável por este núcleo de Lamas de Mouro, dado que a primeira ponte de madeira, construída sobre o mencionado regato, tinha sido arrastada pela força das águas, numa grande invernã – o mesmo tendo acontecido à seguinte –, foi substituída pela feita em pedra e betão, que lá continua, integrada

da estrada mais tarde aberta até à Peneda. A fim de preencher o espaço desnivelado, do lado norte da nova ponte, o pessoal disponível foi incumbido de transportar nos carrinhos de mão – pois não havia outros meios – a terra necessária, escavada nas proximidades. Nessa altura, ao retirarem uma pedra de um muro, então encontrado, depararam com várias camadas de telha na parte inferior do forno, onde deveriam ser cozidas.

Face à descoberta, meu pai ordenou que ninguém lhe tocasse e foi a casa telefonar para o Engenheiro administrador. Quando regressou, o pessoal tinha destruído a parede, movido pela curiosidade, estimulada pelo conhecimento de que, tempos antes, um morador do lugar de Orjás, da freguesia de Cubalhão, conduzido pelo lendário *Livro de S. Cipriano*, já tinha tentado descobrir o «tesouro», que, segundo dizia, aí estava escondido.

Para alguns as lendas têm muita força!

O «tesouro» era uma lenda, mas o forno era uma realidade, que continuou exposta a todos, até que a construção da casa situada junto da nova ponte acima referida e cuja foto a seguir se reproduz, levou à destruição do que dele ainda restava. É mais um caso em que o interesse particular e a ignorância sacrificaram um bem histórico-cultural.

Casa construída sobre o forno da telha.

Do forno da telha e do vasto território em que estava situado fizemos, antes desta construção, elucidativas fotografias, que bem gostaríamos de publicar, mas não conseguimos localizá-las. Esta, muito posterior, reproduzimo-la para ajudar a localizar o extinto forno da telha, que mito bem conhecemos e estamos a evocar.

Na impossibilidade de reproduzir as mencionadas fotografias, tentaremos deixar uma breve descrição da parte inferior desse forno, que tinha uma forma



quadrangular ou ligeiramente rectangular. A base de apoio das camadas de telha para aí serem cozidas era constituída por duas fiadas paralelas de grandes pedras, lisas, que, ao centro, se apoiavam num muro, orientado, sensivelmente, na direcção nascente-poente, e dos lados direito e esquerdo nos muros inferiores do forno. Entre as pedras dessa base, dispostas como se disse, havia buracos por onde caberia um punho, destinados à passagem do calor procedente das fornalhas acesas e alimentadas, na parte inferior, de ambos os lados do muro central de suporte deste pavimento.

É esta realidade, há mito extinta, que pretendemos recordar, não deixando de lamentar a sua destruição, verdadeira privação de um valor histórico-cultural que chamaria a atenção de muitos visitantes e frequentadores desta estância turística rural.

Desta indústria telheira artesanal sobrevive também notícia no nome do lugar do Telheiro, na freguesia de Rouças, tendo-nos chegado também, há anos, informação de outro forno, no extremo norte da freguesia, num monte situado acima dos lugares de Cavaleiros e de Paçô, atravessado pela estrada que liga a vila de Melgaço a Fiães. Não pudemos comprovar a veracidade da informação, mas, apesar disso, aqui fica, na esperança de que alguém dessa zona da freguesia ou qualquer outro interessado possa aduzir elementos comprovativos.

Os santos da porta do lado

Fernando Caldas

No passado dia 17 de Junho, foi a sepultar no cemitério de Longos Vales, Monção, a dona Laura Mendes da Cruz Gonçalves. Após 5 semanas de internamento e coma, foi acolhida por Deus na sua eternidade.

A “tia Laura”, como era conhecida no lugar de Outeiro, é esposa do Sr. Manuel e mãe do P. Vasco Gonçalves e do Sr. Paulo Gonçalves, ambos com fortes ligações a Melgaço, apesar de serem naturais de Longos Vales. O primeiro foi durante vários anos pároco de Parada do Monte, Cubalhão, Couso, Gave e Lamas de Mouro. Já o seu irmão Paulo casou com a Carla, natural de Couso, pais da Ana Júlia, residentes na Vila de Melgaço, onde tem uma loja de fotografias.

Inesperadamente, visto hoje em dia ter 70 anos não ser ainda sinal de velhice, à “tia” Laura foi diagnosticada uma doença autoimune, isto é, uma doença que querendo proteger o organismo o vai destruindo progressivamente.

Apesar dos tratamentos e dos cuidados redobrados dos agentes da saúde (médicos, enfermeiros, auxiliares, auxiliares, familiares e espirituais), a família viu partir com saudades e gratidão “o coração e a alma” da família.

Presidiu ao funeral o Sr. Bispo D. Anacleto Oliveira, no Mosteiro de Longos Vales, onde se reuniu um numeroso grupo de irmãos padres e muitos familiares e amigos. Muitos mais foram os que, em virtude da prevenção de saúde por causa do Covid-19, se solidarizaram à distância fazendo chegar os seus pêsames. Na homilia da celebração eucarística, o Sr. Bispo sublinhou a missão fundamental da mãe, que é a de transmitir e dar a vida. E sublinhou que essa transmissão de vida passa também para aqueles que a acolhem e são continua-

dores dessa vida recebida, semeando-a e multiplicando-a, por sua vez, à sua volta.

Eu conheci a “tia Laura” desde os bancos do Seminário de Monção, na longínqua década de 1980, quando principalmente à quinta-feira vinha visitar o filho Vasco e trazer-lhe um miminho. Fui-a encontrando várias vezes, nas grandes festas familiares, em que juntos partilhávamos a mesa e a alegria de estar em família. E, agora que ela partiu, tenho a sensação de ter estado diante de um modelo da vida cristã. Não que desse nas vistas ou fizesse milagres, mas sim pela simplicidade, silêncio e amor quotidiano que colocava no que fazia. E recordei-me da expressão do Papa Francisco, o “santo da porta ao lado”, aquele que hoje partilha connosco a vida e que tivemos a graça de conhecer. Os santos não super-heróis, mas encarnam com os seus riscos, desafios e oportunidades, o amor de Deus nos gestos da vida de sempre. Neles aparece delineado o rosto do Mestre, deixando-o transparecer no dia-a-dia. Com a discrição própria dos humildes, muitos não sobem aos altares, mas ficam gravados para sempre na nossa alma, porque das palmas de Deus já ninguém os pode riscar.



O vírus ainda não desapareceu

Carlos Pereira de Lemos

As coisas estão a melhorar
Mas não é tempo de descuidar
O vírus pode ainda atacar
Sem nós o poderemos liquidar

Apesar das restrições em vigor
É possível agora ver o amiguinho
Abraçar a família com ardor
E até tomar café com velho cheirinho

O confinamento criou problemas
Alguns já sofriam de depressão
Sem saber como resolver os dilemas
Foi bom acabar para voltar à razão

O problema do vírus é não o poder ver
E atacá-lo com boa pontaria
Porque sem razão de compreender
Podemos acabar numa enfermaria

Em África encontrei animais perigosos
Alguns prontos para atacar
Como eram visíveis e vistosos
Era possível, face a face, de os enfrentar

O vírus vai deixar marca a durar
Na economia e no desemprego
Vai muita gente afetar
E criar muito desassossego

Já se fala que vai haver
Mais suicídios e divórcios
Mais violência doméstica a ocorrer
Que vai destruir muitos consórcios

Isto ocorre quando falta harmonia
Ignorar que depois do inverno vem o verão
Depois da noite vem o dia
E ter esperança que melhores dias virão

Melbourne, Junho 2020

Catarina Gonçalves apresentou na Casa da Cultura os dois últimos livros

João Martinho



Catarina Gonçalves, natural de Paços (Melgaço), apresentou no dia 26 de Junho as suas duas últimas obras: “Saltério para o Encontro” e “Matrimónio Nulo?” ambos de 2019.

A autora licenciou-se em Humanidades Clássicas na Faculdade de Filosofia da UCP de Braga e matriculou-se em Teologia, na Faculdade de Teologia do mesmo Centro Regional da Universidade Católica Portuguesa, de onde seguiu para Especialização em Direito Canónico em Roma, na Pontificia Universidade de Santa Cruz.. Concluiu a Licenciatura Canónica e está a concluir a tese de doutoramento, ligada ao matrimónio, que teria defendido em Março, se não fossem as circunstâncias pandémicas.

De regresso a Portugal, Catarina Gonçalves é docente da Faculdade de Teologia, na área do Direito Canónico e é também Juiz do Tribunal Eclesiástico de Braga, responsável pelo gabinete de atendimento da Unidade Matrimonial.

Em conversa com o jornal “A Voz de Melgaço” por altura da apresentação das duas obras explicou-nos o que a inspirou a abraçar a tarefa de traduzir, dentro do permitido pela linguagem jurídica, o essencial do Matrimónio Nulo.

“Este livro não nasce tanto da experiência como Juiz ou como patrono e responsável pelo atendimento. É óbvio que dá uma base grande, até porque todos os processos que vão a Tribunal passam-me pelas mãos, ou melhor, antes de entrar já me passaram pelas mãos”, começa por explicar.

“Matrimónio Nulo nasce quando leccionei Teologia Revisitada, um curso de formação contínua para padres, embora aberto a leigos. Quem frequenta [o curso] são maioritariamente clérigos já com muitos anos de vida sacerdotal e que estão a reviver novamente a teologia. Dentro desta Teologia, há dois anos achamos por bem, na Faculdade, criar uma revisitação do Direito Canónico, mais vincada ao matrimónio, tendo como base dois grandes documentos pontifícios do Papa Francisco sobre o assunto. Fui eu que geri esse curso e o leccionei, com uma colega que leccionou duas unidades. Dado que eu faço sempre uma sebenta para os meus alunos, nasceu ao longo do semestre uma sebenta sobre o tema”.

A “positividade e o interesse pelo trabalho” foram a fonte para este vade-mécum [um género de guia prático, ou descomplicação da linguagem] que pretende explicar aos fiéis, sacerdotes ou leigos, em que consiste o matrimónio nulo e as novas normas promovidas pelo Papa Francisco.

VM – O que é então o Matrimónio Nulo?

CG – Um matrimónio nulo “não é um divórcio” porque, na Igreja, não há divórcios.

VM – Então, o que é necessário para que um Tribunal Eclesiástico declare a nulidade de um casamento?

CG – “Todos os separados, divorciados ou não, podem recorrer à análise do seu matrimónio. O Tribunal Eclesiástico, através de um processo jurídico, canónico, vai avaliar com provas objectivas, se o casamento, quando foi dado o consentimento pelos noivos, era válido ou não. No caso de o consentimento não ter sido dado validamente, independentemente de haver ou não filhos, ter vinte ou trinta anos de casamento, ou qualquer motivo que possa ter originado a separação, é declarado nulo. Se se chegar à conclusão de que o matrimónio foi celebrado de forma nula, por qualquer defeito ou anomalia no consentimento, dá-se uma sentença e o matrimónio é declarado nulo, ou seja, a pessoa pode vir a constituir novas núpcias livremente porque o casamento que celebrou anteriormente nunca foi um casamento canónico, o vínculo nunca chegou a existir.

VM – O livro “Matrimónio Nulo?” apresenta alguns exemplos de casos de declaração de nulidade que aconteceram, “não em Portugal” para não haver identificação, mas verdadeiros. Pode falar deles?

CG – Casos de documentos falsos, em que se descobriu posteriormente que o casal tinha menos que a idade canónica para o casamento (ambos têm de ter um mínimo de 16 anos), casos de consanguinidade, de identidade forjada, problemas psíquicos ou de grave toxicoddependência (estes últimos são considerados desde que uma das partes não saiba) são argumentos passíveis de serem analisados pelo Tribunal e de validação se recolhidas provas robustas para o efeito. Mas uma decisão proferida hoje pode não ser definitiva.

“Tudo o que diga respeito a pessoas, não há trânsito em julgado. Eu posso ter uma sentença afirmativa e daqui a vinte anos meter um recurso a dizer que as provas foram forjadas e obter uma sentença negativa. Na prática, não acontecerá com regularidade, mas já aconteceu. Conheço um caso em que aconteceu passados doze anos”.

Vejamos este exemplo prático com atenção.

“Um jovem namorou durante dez anos, era um namoro sólido, mas uma noite teve uma relação paralela e engravidou outra pessoa. Supostamente, o pai dela diz-lhe, ou casar com ela ou o caso dá para

o torto. A namorada soube, disse-lhe para assumir a ‘asneira’ e casar com a mulher com quem teve o caso esporádico. Esse caso não deu certo, como era de prever. Ele casou sob pressão e falta de liberdade interna, que é um dos capítulos, separa-se e vai ter com a antiga namorada. Ela admite juntar-se com ele, mas só se o casamento anterior for considerado nulo, e consegue-se. Passados doze anos, já ele tinha três filhos com a outra senhora, a primeira mete recurso directamente à Rota Romana [o tribunal do Vaticano] e diz que aquilo que foi alegado em tribunal foi tudo falso e consegue provar-se que o pai dela não fez pressão sobre ele para casar. A Rota Romana decidiu negativamente, ou seja, o primeiro matrimónio é válido e o segundo é que é nulo”.

VM – Que tipo de casais ainda pede a anulação do matrimónio?

CG – O Tribunal Eclesiástico de Braga, terá na ordem dos trinta casos por ano, em primeira instância, dos quais “seis, sete casos” serão do distrito de Viana do Castelo.

VM – Mas qual é faixa etária dos casais que pedem a declaração de nulidade?

CG – “Alguns esperam trinta ou quarenta anos para se meterem neste tipo de processos. Começa a aproximar-se a ‘meta’ e querem ver o que podem fazer. Os casos de jovens em que os casamentos duram um ou dois meses, se aproximam mais, mas se tivéssemos que fazer esquematicamente uma média de idades, seria nos 45, 50 anos. Isto não quer dizer que os casais com 80 anos ou de 60 não recorrem a este serviço. Alguns até já estão separados há trinta anos.

Livro “Saltério para o Encontro”

No mesmo dia em que apresentou a obra destacada acima, a autora trouxe novamente à mesa o seu livro anterior – E não o primeiro, que esse será o da Lenda de Santa Ana, da paróquia de Paços, apresentado há já alguns anos – aquele que é “a menina dos olhos” de Catarina Gonçalves e o seu livro “mais íntimo”.

“Desde a introdução até ao último poema há um caminho cronológico. É uma direcção espiritual que comecei com uma pessoa em concreto”.

Esta caminhada, em poemas, foi prefaciada e tem podemas comentados por D. Anacleto Oliveria, bispo da diocese de Viana do Castelo, mas também de José Cordeiro e muitos outras figuras ligadas à igreja e próximas da autora.

Filipe Vieira, com inovação, compensa prejuízos da paragem

João Martinho

Filipe Vieira, proprietário da Tasquinha da Portela, encara com esperança a retoma turística dos meses de verão, mas admite ainda não estar a recuperar da paragem a que todo o sector foi obrigado desde Março.

“Esta a ser difícil porque vínhamos de um ano de 2019 em que estávamos a trabalhar bastante bem. O turismo aqui em Melgaço estava a crescer em massa, este ano estava a começar muito bem e isto teve um impacto muito grande”, lamentou.

Não pediu lay-off, manteve os funcionários a trabalhar (um total de seis), mas admitia, no final de Junho, antes da abertura de fronteiras com Espanha, estar a sentir o peso da perda de facturação.

“Está a custar-me um bocadinho porque estou todos os meses a perder dinheiro. Fui pedir ajuda [aos fundos disponibilizados pelo Governo], mas ainda não me deram nada. Destinam dinheiro a empresas para que não percam os lucros, e nós na restauração, o que vamos fazer?”.

Segundo confessa, o único apoio que recebeu foi da autarquia, relativo à suspensão da cobrança da factura da água. no alívio da factura da água. “Há que agradecer à Câmara o facto de nos ter perdoado a água, que é uma grande ajuda. Fui uma das primeiras pessoas a ligar para agradecer, porque é uma ajuda de cento e tal euros, que é o que pago de água por mês. É muito dinheiro”.

Com as perdas de ocupação do espaço do restaurante em 50 por cento, prepara-se para a afluência de



Verão também com um salão que antes da pandemia recebia 200 pessoas em cada evento, agora reduzido a 60 lugares.

“A partir do dia 1 de Julho, assim que as coisas comecem a funcionar e as pessoas se mantenham as medidas de higiene e de distância, acho que vamos conseguir dar a volta por cima. Até ao mês de Agosto vamos conseguir, a partir daí não sei. Depois vem o Inverno. O que vai ser dos restaurantes aqui em Melgaço?”, atira. “Se a normalidade acontecer agora, acho que é cedo demais. Se não começar a acontecer devagarinho, vai ser mau para os pequenos negócios como a restauração, mas tenho fé que as coisas vão acontecer pelo melhor”, conclui Filipe Vieira

Para já, o estímulo da retoma e abertura de fronteiras: Mantive sempre um contacto directo com os meus clientes espanhóis, durante a pandemia. A partir do dia 3 [de Julho] já há pessoas que tem hotel marcado




e jantar reservado aqui. A partir desse dia consigo ter a minha sala cheia durante dois ou três dias, só com espanhóis”, perspectivo.

Teme que a sensação de segurança possa causar novos casos, mas não coloca em equação novo confinamento. “Se fechamos outra vez vai ser o caos. Era fechar para nunca mais abrir. Este mês ainda não fiz as contas, mas desde Março que temos vindo a perder na ordem dos três mil e tal euros a por mês”, confessou.

Para ajudar a inverter a tendência de perdas e por outro lado acompanhar as novas tendências de consumo, com o apoio do Chef executivo António Alexandre.

“Ao longo do tempo consegui adaptar-me e renovar-me O Chef António Alexandre, adudou-nos a introduzir os produtos locais, com base nos legumes. Em breve vamos fazer a renovação da ementa de Verão e incluir alguns pratos vegetarianos”, avança o proprietário da Tasquinha da Portela.



Contabilidade
Apoio ao cidadão – IRS

A entrega do IRS de 2020, referente aos rendimentos auferidos em 2019, decorre de 1 de abril a 30 de junho de 2020.

Precisa de apoio na submissão do seu IRS?
Contacte-nos!

Serviços

- Contabilidade;
- Consultoria de Gestão;
- Assessoria Fiscal;
- Direitos da Empresa;
- Gestão de Recursos Humanos;
- Apoio ao Contribuinte;
- Portugal 2020.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães
n.º 65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Monção
Rua D. Afonso Henrique
Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

info@ukubo.com | www.ukubo.com | www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3, com frentes viradas para nascente e poente. Dispõe de áreas espaçosas, arrumos e lavandaria.

75.000€
00369 E

Apartamento T2
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, mobilado, situado no centro da vila. Possui um terraço com cerca de 25m2.

65.000€
00546 F

Moradia V4
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Excelente moradia V4, em local calmo, a 5 minutos da Vila. Possui cozinha mobilada e equipada, aquecimento central, garagem, anexo, jardim e pomar.

Sob Consulta
00603 D

Moradia V2
Fiães, Melgaço, Viana do Castelo

Casa de moradia, composta por r/c e 1º andar, situada em zona serrana. Possui aquecimento.

40.000€
00738 E

Moradia V2
Castro Labreiro e Lamas de Mouro, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia moderna V2, em pedra, totalmente mobilada e equipada. Possui aquecimento central, garagem espaçosa e jardim. Situa-se em plena Vila de Castro Labreiro.

Sob Consulta
01012 D

Moradia V2
Monção e Troviscoso, Monção, Viana do Castelo

Moradia V2 recentemente recuperada. As divisões estão distribuídas pelo rés-do-chão e primeiro andar. Possui um terraço e uma zona exterior de lazer com churrasqueira. Detém dois rossios e espaço para colocação de dois veículos.

125.000€
01030 D

Lote para construção
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Lote para construção com 506m2 de área, localizado na Vila de Melgaço.

55.000€
01047 D Certificado Isento

“Amor e erotismo na Bíblia”

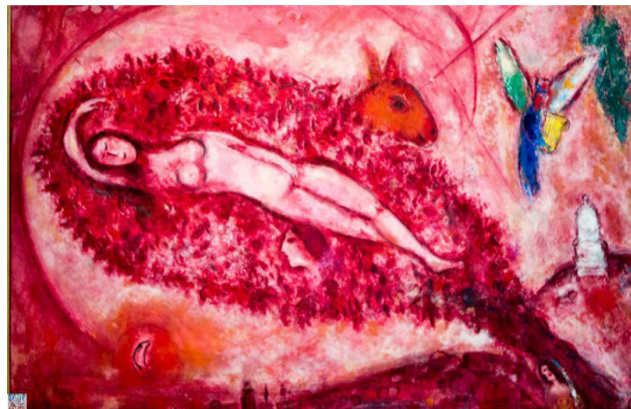
Cursos de verão e novo website do Instituto Católico

Song of Songs II,
Marc Chagall, 1957

Para melhor servir e em resposta aos tempos que vivemos, o Instituto Católico de Viana do Castelo acaba de lançar (01 de Julho) o seu novo website <http://www.icvc.pt/>

Organizado de acordo com as principais áreas do Instituto (Escola de Teologia, Departamento do Património, Biblioteca e Livraria), o novo espaço online sucede ao anterior e responde melhor à necessidade de oferecer informação actualizada e amplas propostas de formação. No mesmo espaço digital, pode já consultar-se o programa lectivo-pastoral para o ano 2020-2021.

Em alternativa às peregrinações, adiadas para 2021, a Escola de Teologia propõe dois cursos de verão: “*Amor e erotismo na Bíblia*” (O livro do Cântico dos Cânticos), de 03 a 07 de Agosto de 2020, e “*Cantigas de amigo, escárnio e mal-dizer na Bíblia*” (O livro dos Salmos), de 17 a 21 de Agosto. Os cursos



são em horário pós-laboral; a primeira sessão é presencial e as seguintes são por vídeo-conferência. O número de inscrições é limitado a 20 pessoas, para garantir o distanciamento exigido por lei, e decorrem até 31 de Julho através de geral@icvc.pt e 258 823 263.

Uma secção com registo em vídeo de conferências e uma maior ligação às redes sociais são outras das mais-valias do novo espaço digital. Na sequência do lançamento do novo espaço na web, seguir-se-á o lançamento da livraria online e cursos de formação teológica em vídeo-conferência.

Viajamos juntos!

Para Partidas entre 21/11/2019 e 31/03/2020 * Consulte as condições online

LINHAS REGULARES FRANÇA ⇄ PORTUGAL

PARIS - CHARENTON **LINHA DE PARIS**

PARIS - PORTE MAILLOT

VERSAILLES	ÉTAMPES
LINAS	ORLEANS
ARPAJON	BLOIS
BALLANCOURT	POITIERS
	TOURS

NOVA
PROMOÇÃO!

115€*

I/V

50€*

ANGOULÊME | BORDEAUX | CASTETS
BAYONNE | HENDAYE

NORTE DE
PORTUGAL

RESERVE
JÁ!

🇵🇹 (+351) 258 454 303
🇫🇷 (+33) 06 65 51 57 71
✉ INFO@BARQUENSE.COM

BARQUENSE - AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.
 SEDE: RUA DOUTOR JOAQUIM MOREIRA DE BARROS, 3
 4980-634 PONTE DA BARCA • PORTUGAL • CONTRIBUINTE: 500958785 • RNAVT: 1849

FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT
 WWW.BARQUENSE.COM

SAVE THE DATE

MELGACO

Σ FESTA

Ξ SEGURANÇA

1 - 16 AGO

+ informação em www.cm-melgaco.pt

melgaco
município

Projecto de policultura na Branda da Aveleira já desponta também com Alvarinho

Soalheiro associa-se à nova vida da Branda

João Martinho



Desde 2019 que há na Aveleira (Gave, Melgaço) uma área de dois mil metros quadrados de vinha que procurar entrar “no ritmo da Branda”.

É vinha alvarinha e está a 1200 metros de altitude. O desafio está a cargo da Quinta de Soalheiro, que nos últimos anos tem primado por algumas apostas mais arrojadas no mercado dos vinhos, e a proposta foi de Agostinho Alves, presidente da Junta de Freguesia da Gave e presidente da Associação de Promotores da Branda da Aveleira, conhecedor do espaço natural proposto e motivador da iniciativa da policultura.

Depois da plantação, resta agora que o acompanhamento “especial” da equipa Soalheiro revele, nos próximos dois, três anos, os frutos (e o vinho) que dali resultar.

Nas alturas, em parcela próximo do aglomerado da Branda da Aveleira, é já bem visível uma vinha que pela sua juventude ainda não chega ao segundo arame, mas mantém a verdura viçosa e resistência aos rigores da noite da montanha.

Maria João Cerdeira, da família que está na origem da criação e inovação que tem sido apanágio da equipa Soalheiro, garante que todas as produções são acompanhadas “de forma especial” e esta não será excepção, embora desafiando a ‘normalidade’ de uma produção agrícola que aprendeu a coabitar com o habitat mais comum da sub-região, entre os duzentos e os quatrocentos metros de altitude.

“É a nossa vinha com maior altitude. São dois ecossistemas distintos, com faunas e floras distintos. Acreditamos que, face ao solo e ambiente que lá existe e em que temos Invernos muito rigorosos mas temos uma franja de Maio a Setembro muito agradável, se vai adaptar muito bem e hibernar no período mais agres-

sivo da montanha”, explica-nos Maria João Cerdeira.

A plantação e condução da vinha, em bardos que acompanham o ligeiro desnível do terreno, procura não agredir a paisagem com parcelas para sustentar o solo xistoso e a sua matéria orgânica. Mas faz parte do desafio. O solo menos orgânico dará uma vinha “menos exuberante”, mas compensará na frescura e mineralidade do produto.

“Quando se fala em alterações climáticas, fugimos um bocadinho para regiões com mais altitude é exactamente pela frescura. No vale por vezes temos temperaturas de quarenta graus, muito próximas das do Douro. Na montanha isso não acontece. Em princípio vamos ter uvas com características mais frescas”, explica ainda a Maria João Cerdeira.

Uma frescura com boa vizinhança: A poucos metros da plantação encontramos um apiário e não muito longe dali a extensa plantação de batata, retomada o ano passado e da qual falamos em pormenor neste jornal.

No entanto, outros ‘zeladores’ deste ecossistema que vai ganhando diferentes formas de vida. “Somos a única vinha, mas há produção de Cachena, da batata, mel e até o turismo o próprio turismo é um produto, mas nada existe em excesso. A nossa ideia é entrar na branda sem perturbar o ritmo dela. É o que o senhor Agostinho queria e nós também queríamos como Soalheiro”.

Sobre o vinho alvarinho que dali possa resultar, para os mais curiosos, a única experiência mais próxima será a do Soalheiro Granit, “que é um vinho de montanha, feito com uma selecção das uvas das vinhas com mais altitude”, mas a influência da flora e fauna da Aveleira poderá ditar características diferentes excepto, presume-se, a mineralidade da uva.

“No Soalheiro há sempre a vontade de inovar. Temos de ser sensatos, avaliar sempre os projectos com os pés bem assentes na terra e conhecer tecnicamente o que é viável. Se nós temos um bom clima, um bom solo, umas boas plantas e boas condições para se desenvolverem... porque não?”, contestou Maria João Cerdeira, questionada sobre a viabilidade da aposta.

Depois de trabalhada a terra, e preparado para a vinha, a responsável pretende apenas que a intervenção humana naquela serra “preserve a montanha e seja sustentável”.

“Vamos voltar a falar de agricultura sustentável, o que é fantástico, e vamos falar novamente de protecção ambiental e mantermos as características do nosso ambiente. O que nos interessa é o que está ali e aproveitar o melhor que a Branda nos pode dar”, conclui a representante da ‘família’ Soalheiro.



TASQUINHA DA PORTELA

Tel.: 968 825 682

MELGAÇO

PORTELA, PADERNE

Termas de Melgaço abrem em Julho apenas com piscina e massagens

João Martinho



As Termas de Melgaço vão dar o primeiro passo para tomar o pulso ao turismo termal na tradicional época alta, mas admite ser “um salto no escuro” neste período em que a pandemia Covid-19 ainda continua com inesperados focos em algumas comunidades.

Nesta primeira fase, os responsáveis vão abrir ao público apenas a piscina e o serviço de massagens, mas com “limitações”, como explica Paulo Freitas, Director Operacional das Termas de Melgaço e Director Geral da OCRAM, empresa gestora das Termas de Melgaço e detentora de 49 por cento da parceria público-privada com a Câmara Municipal de Melgaço.

“Para já, vamos abrir aos fins-de-semana, mas começando a haver uma procura maior, vamos abrindo os dias que forem necessários. Em Julho, apenas com o circuito termal da piscina e massagens. Depois o tempo dirá se justifica abrir mais dias, porque ter um espaço destes aberto sem clientes é desolador”, considerou o responsável.

Além destes, está já em funcionamento o Bar das Termas, todas as tardes até às 23 horas, podendo também alargar o horário de funcionamento se a procura nos meses de Verão o justificar.

“Houve uma altura em que tentamos colocar a abrir de manhã, mas não justificava estar ali alguém tantas horas, eram manhãs sem ninguém. No verão poderemos experimentar abrir mais cedo, mas excepto esses meses não vale a pena”, justificou Paulo Freitas, notando no entanto que a vontade do contacto com a natureza tem levado as pessoas até àquele espaço.

“Nesta altura de algum regresso à normalidade, as pessoas começaram a vir até nós, até porque estamos



inseridos num parque e as pessoas aproveitam esta sensação de ar livre, de verde”.

Sobre o funcionamento e viabilidade funcional dos equipamentos, o Director Operacional das Termas diz que foi possível “isolar” os sistemas de aquecimento de água e instalações apenas para as áreas que estejam em utilização, minimizando os custos de energia que alegadamente representava no passado.

“Houve uma altura em que, para ligarmos alguma coisa, tínhamos de ligar o balneário todo. Conseguimos isolar uma parte, vamos ter a piscina e a sala de massagens em funcionamento e os dois balneários [masculino e feminino] vão estar abertos também. Teremos de utilizar isto com muito cuidado, vamos sensibilizar as pessoas para uma correcta utilização”, alertou.

Sobre as recomendações de higienização e distanciamento social, Paulo Freitas considera que no circuito termal da piscina o cumprimento das normas “não será um problema”, uma vez que o número de pessoas em tratamento simultâneo será limitado e com períodos de utilização estipulados.

“A piscina tem cinco ou seis pontos de tratamento, por isso será uma pessoa por cada local, eventualmente duas se forem do mesmo agregado familiar, mas o limite será seis, sete pessoas em utilização simultânea. É uma piscina de tratamento, não é de lazer”, reforçou.

Em relação aos restantes tratamentos possíveis nas várias salas equipadas do Balneário, Paulo Freitas indica que não entrarão para já em funcionamento devido aos processos de desinfeção e quarentena a que estariam obrigados após cada utilização.

“Todos os tratamentos que se podem fazer aqui, à base de água, obrigam a muitos aparelhos que tem de estar muito tempo em higienização. Não se justifica, ou teríamos de ter uma quantidade enorme de equipamentos”, explicou.



Abrir um negócio no “piores” momento para as termas

O Director Operacional das Termas de Melgaço reconhece que este será “o pior momento” para abrir um ramo de negócio que ainda está a conhecer as limitações a que está sujeito e que, até ao momento, “a Norte, ainda só abriram duas termas”.

“Abrir umas termas apenas com metade dos serviços é mau. Nós vamos abrir porque estas termas já estão fechadas há muito tempo, achávamos que este ano tínhamos de as abrir. E vamos fazê-lo de vagarinho, para as pessoas terem a noção de que estão abertas e comecem a aparecer. Esperemos que para o próximo ano esteja já tudo mais normalizado e poderemos fazer uma abertura total”, justificou o responsável.

Projecto para o Hotel “vai avançar” porque é necessário para viabilizar as termas

Sobre o projecto em curso para a revitalização do antigo Hotel do Peso e criação de oferta hoteleira nas imediações do complexo termal, o Director Geral da OCRAM assegura que essa intervenção “vai avançar, mas demora sempre um dois anos”.

“Nós precisamos do Hotel, para termos as termas em funcionamento o ano inteiro. Do Porto aqui é, em média, uma hora e meia ou duas de viagem. Se as coisas correrem como esperamos, depois haverá outro tipo de tratamentos, de cinco ou sete dias, portanto se não tivermos um local relativamente perto, em que possam vir a pé para as termas, vão começar a pensar duas vezes, se tiverem de utilizar o carro”, observou.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEF. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562



**Agência Funerária
ORQUÍDEA**

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



Melgaço nos últimos tempos da Monarquia (1909)

Recuamos até 1909, quando a monarquia estava próxima do fim e a República havia de chegar em breve. Como seria Melgaço nessa época? Nesse mesmo ano, é publicado o interessante “Portugal - Dicionário Histórico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heráldico, Numismático e Artístico” que dedica longos parágrafos a Melgaço e onde podemos ler:

“MELGAÇO - Villa da prov. do Minho, sede de concelho e de comarca, distrito de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, relação do Porto. Tem uma só freguezia, Santa Maria da Porta. Está situada n’um alto, na margem esquerda do rio Minho, que a separa da Galliza, que lhe fica mesmo em frente, a 66 quilómetros da sede do distrito. A mitra e a Casa de Bragança apresentavam alternativamente o abbade que tinha 400\$000 réis de rendimento.

Melgaço é povoação muito antiga, fundada pelos antigos lusitanos ou pelos romanos, mas ignora-se quando foi fundada e o seu nome primitivo. O que se sabe, com certeza, é que os árabes tinham aqui uma grande fortaleza, chamada Castello do Minho nome, que já no tempo do conde D. Henrique estava arruinada (*Comentário: Este pormenor merece um reparo. O Castello do Minho não ficava em Melgaço mas sim perto de Ribadavia*). D. Affonso Henriques achou a povoação deserta, por ter sido abandonada pelos árabes, e mandou-a povoar em 1170, reedificando lhe o castello. Outra versão diz que n’uma carta de couto dada em 1197 ao mosteiro de crúzios de Longovares, se declara ter sido a torre e a fortaleza mandadas edificar por D. Pedro Pires, prior do referido mosteiro, e à sua custa, e D. Affonso Henriques deu lhe o primeiro foral em 21 de julho de 1181, doando aos seus moradores a aldeia de Chaviães. Este foral foi confirmado em agosto de 1219 por D. Affonso II, dizendo que a povoação podia ter 350 vizinhos, e que escolhessem alcaide-mor, que sendo benemérito, elle o confirmaria. D. Affonso III deu-lhe outro foral, em Braga, a 29 de abril de 1258, que depois confirmou, em Guimarães, a 9 de Fevereiro de 1261. El-rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 3 de Novembro de 1513. El-Rei D. Diniz enobreceu Melgaço com a sua cinta de muralhas, em 1289. Estas muralhas tinham apenas 2 m de altura, e a sua configuração é quasi quadrada. Outros escritores dizem que foi D. Sancho I quem mandou construir o castello e as muralhas de Melgaço, que D. Sancho II concedeu grandes privilégios à villa e que D. Affonso III os confirmou. Nas repetidas guerras de Portugal contra Castella, Melgaço e o seu concelho deram soldados intrépidos e destemidos, que muito se distinguiram nos combates e batalhas.

Nas guerras de D. João I de Portugal contra D. João I de Castella, se tornou celebre Ignez Negra, mulher natural de Melgaço. Os castelhanos haviam-se apoderado

da maior parte das povoações fortificadas do Alto Minho, mas os portugueses tinham obrigado a capitular o forte castello de Neiva. Vianna, de que era governador o castelhano Vasco Lourenço do Lira, tinha sacudido o jugo hespanhol pela bravura d’um escudeiro, apelidado o Frisus que, pondo-se à frente do povo, atacou o castello, fazendo prisioneiro toda a guarnição inimiga, mas ficando o valoroso escudeiro mortalmente ferido. Ponte do Lima foi resgatada pelo valor de alguns dos seus naturaes, em prémio do que, o rei lhe mandou



collocar os bustos sobre as vergas das portas. Monção, V. N. da Cerveira e Caminha, entregaram-se sem custo.

Finalmente, em toda a província do Minho, só Melgaço estava sujeito a Castella. Era seu governador ou alcaide-mor Álvaro Paes Sotto Maior, castelhano, e tendo de guarnição 300 infantes e 300 cavallos, porfiava na resistência.

D. João I, que estava em Braga, onde reunira cortes, impacientou-se com a resistência da praça, e partiu para assumir a chefia das tropas que tinha mandado a pôr-lhe cerco. Tendo passado dez dias em que se haviam dado apenas umas escaramuças que nada decidiam, o monarca mandou fabricar um castello de madeira, que ficasse a cavalleiro das muralhas, cuja construção levou vinte dias. Os cercados, receando o assalto, deram sinal de armistício, e João Fernandes Pacheco foi mandado propor a rendição da praça, mas Álvaro Paes exigiu taes condições, que nada se conseguiu. O rei mandou activar os preparativos do assalto, jurando que elle próprio o comandaria. D. João I havia casado pouco tempo antes, em 1387, com D. Filipa de Lencastre, e a rainha estava em Monsão com as suas damas, acompanhada pelo Dr. João das Regras e por João Affonso de Santarém, vindo do Porto ali visitar seu marido, e tencionando ir residir no convento de Fiães em quanto durasse o cerco da praça. Contam as crónicas que dentro dos muros de Melgaço havia uma

mulher intrépida, partidária dos castelhanos, conhecida pela Arrenegada, por ter renegado a sua pátria, pois era natural de Melgaço. Sabendo que no arraial dos portugueses estava uma sua patrícia, ousada e valorosa como ella, chamada Ignez Negra, mandou-a desafiar a um combate singular, que foi imediatamente aceite. Era o dia 3 de Março de 1388. Ignez dirigiu-se logo para o ponto designado, que era a meia distância do arraial e da villa, e já lá estava a Arrenegada. O combate começou encarniçado, terrível e desesperado, ferindo-se ambas com as mãos, unhas e dentes, depois de partidas as armas de que vieram munidas.

Duarte Nunes do Leão, na Crónica de D. João I, não diz a qualidade das armas. A agressora ficou vencida, tendo de fugir para dentro da villa, ferida e quasi sem cabello, levando nos focinhos muitas nódoas de punhadas da de fora, que ficou vitoriosa. No arraial portuguez foi ruidosamente celebrada a victória de Ignez Negra, e no dia seguinte Melgaço caia no poder do Mestre de Aviz. A intrépida mulher estava no alto da plataforma, onde o pendão das quinas ondeava ovante, no próprio mastro em que na véspera ainda se ostentava orgulhosa a bandeira castelhana, e dizia no seu transporte de alegria para os besteiros que a cercavam; «Mas vencemoste! Tornaste ao nosso poder! És do rei de Portugal!»

Em 1807, quando se deu a invasão franceza, Melgaço foi a primeira praça de guerra que expulsou os soldados de Napoleão, aclamando o príncipe regente D. João e a Liberdade, a 11 de junho de 1808. (*Comentário: Este facto não corresponde à verdade. Os soldados franceses não chegaram a passar por Melgaço.*) Bragança seguiu-lhe o exemplo, fazendo a aclamação a 11, pondo-se à frente dos restauradores o general Sepulveda.

Instantaneamente a revolução se propagou pelas províncias do norte, e o Porto fez a sua aclamação a 19. O Algarve e o Alentejo deram o grito da Liberdade no dia 20, tudo do referido mez de Junho.

A villa pertenceu à Casa de Bragança, e todos os officios eram dados pelos duques. Conserva ainda parte do seu antigo aspeto. A cinta de muralhas que protegia a villa tornou-se por fim um obstáculo à sua expansão, e apearam-na por isso, abrindo novas ruas e levantando novas edificações. Como que se divide assim em duas partes, chamadas fora da villa e dentro da villa. A primeira tem boas construções modernas, airosa e desafogada, sendo a segunda sombria e pesada, ainda com o característico das nossas antigas povoações. A igreja matriz de Melgaço é simples e d’uma só nave.

Próximo do convento dos religiosos da ordem Terceira de S. Francisco, que pertence hoje à Misericórdia, e n’uma elevação, vê-se a capella da Senhora da Pasto-riza; o seu altar mor é de talha antiga. A 1 km da praça está o Santuário de Nossa Senhora da Orada, edificado sobre o cume d’um monte. Desde aquella igreja até à villa vê-se a estrada povoada, d’uma e d’outra parte, de casas, hortas, prados, fontes e pomares, que faz da estrada um bonito passeio. O templo é de boa cantaria. Foi até 1834 da jurisdição dos monges do convento de Santa Maria, de Fiães, por doação de D. Sancho I, que o havia herdado de seu pai. Este templo é muito antigo, e ignora-se a data da fundação. Dizem que já existia no tempo dos godos. D. Affonso Henriques, achando-o em ruínas, o mandou reedificar pelos annos de 1170, como consta d’uma escriptura de doação, feita por D. Sancho I, em Santarém, a 11 de Setembro de 1207, assinada pelo rei, todos os seus filhos e prelados do reino. A imagem de Nossa Senhora da Orada é de muita devoção dos povos d’estas localidades, e desde a quinta feira da Ascensão, até à festa do Espírito Santo, ainda hoje ali vão de romaria a maior parte das freguezias dos concelhos de Melgaço, Monção e de Valladares, oferecer à Senhora o residuo do círio pascal, levando os seus respetivos párocos e ao menos uma pessoa de

Os Milhões do Rigor e os da Ficção

José Albano Esteves Domingues

Entre muitos outros assuntos foi discutido e votado, na Assembleia Municipal de 30 de maio último, o assunto “Análise e Deliberação dos Documentos de Prestação de Contas e Relatório de Gestão de 2019”.

Os eleitos da Coligação PPD/PSD-CDS/PP “Prá Frente Melgaço” tem vindo, ano após ano, a chamar a atenção para os sucessivos Orçamentos que o Executivo do Partido Socialista vai apresentando, com números verdadeiramente empolados, inflacionados, que, comprovadamente (de acordo com o que depois documentam os relatórios de gestão e de prestação de contas) se encontram desajustados da realidade (ou que revelam uma gritante incapacidade de execução, unicamente ao dito Executivo imputável), mas cuja elaboração vai servindo os propósitos, de propaganda política, que alguma comunicação social trata de repercutir.

Quanto acaba de se dizer resulta patente dos níveis de execução, muito baixos, depois registados, quer do lado da receita quer do lado da despesa, e, particularmente, do lado da receita e da despesa de capital (a receita de capital, por exemplo, situou-se, no ano de 2019, em somente 53%), o que é tanto mais gravoso quanto contende com o investimento propriamente dito.

Não admira, pois, que exista um desvio de praticamente 2 (dois) milhões de euros entre o que se encontrava previsto ou projetado no Orçamento aprovado para o ano de 2019 e o que durante esse mesmo ano veio a ser, efetivamente, realizado ou executado.

Mesmo do lado da receita importa chamar a atenção para o facto de o ano de 2019 se ter revelado, tristemente, o terceiro exercício anual consecutivo em que a execução orçamental ficou abaixo dos 85%.

Já tínhamos abordado esta problemática na Assembleia Municipal do passado mês de dezembro (de 2019), relembrando as orientações dimanadas da Direção Geral das Autarquias Locais (“DGAL”) no sentido de que não poderia haver 3 (três) exercícios consecutivos com uma realização orçamental, do lado da receita, inferior a 85% (recorda-se que no ano de 2017 essa execução havia sido de 61,90%, em 2018 de 74,95%, e que no ano de 2019 ficou nos 80,28%).

Nem com o esforço que então foi prometido pelo senhor Presidente da Câmara, de forma a evitar um terceiro ano seguido com execução inferior àqueles 85%, se logrou atingir um tal patamar (mínimo).

De acordo com o previsto no artigo 56º, nº 3, da Lei nº 73/2013, de 3 de setembro (“Regime Jurídico das Autarquias Locais...”) há que dar conhecimento às entidades mencionadas no nº 1 logo que ocorram dois exercícios consecutivos com um nível de execução inferior ao referido, concretamente aos membros do Governo responsáveis pelas áreas das Finanças e das Autarquias Locais e aos presidentes dos órgãos executivo e deliberativo do Município.

Esperemos que o não atingimento, em três anos seguidos, daquele nível de execução não aporte, de facto, qualquer penalização para o Município de Melgaço.

Diga-se, por outro lado, que apesar do esforço (de contenção ou equilíbrio) a que foi obrigado quem atualmente lidera o Executivo camarário de Melgaço, equilíbrio esse imposto pelos mecanismos de controlo das Autarquias Locais, não nos podemos esquecer que tal necessidade, premência, ou obrigação (de contenção ou equilíbrio), resulta de décadas de governação do Partido Socialista, que levaram as contas do Município ao estado (de degradação) a que chegaram.

Continuam a existir, de acordo com os documentos que nos foram distribuídos, e as contas em apreciação, áreas cinzentas que nos deixam muitas dúvidas, dúvidas não apenas de ordem ou natureza política, mas também quanto à forma como são apresentadas. Dúvidas, a final, porquanto são manifestas tendências que deixam sinais preocupantes para o futuro equilíbrio das contas. E assim:

– Tivemos uma execução orçamental mais alta do que a de anos anteriores mas um orçamento que minou mais de 2 (dois) milhões (de euros) relativamente ao ano de 2018;

– Os resultados operacionais dos últimos 3 (três) exercícios tem vindo, sucessivamente, a degradar-se - menos 487 mil euros em 2017; menos 929 mil euros em 2018; e menos 966 mil euros em 2019;

– As despesas com o pessoal aumentaram mais de 10% nos últimos 3 (três) anos;

– A aquisição de bens e serviços aumentou mais de 1 (um) milhão de euros nos últimos 3 (três) exercícios, com registo de um grande peso na contratação de serviços tidos como não produtivos, como são os casos da consultoria, comunicação e imagem, e publicidade;

– A aquisição de bens de capital (*vulgo* investimento) desceu de 7 (sete) milhões para 4,5 (quatro vírgula

cinco) milhões (uma redução de 2,5 milhões) do ano de 2018 para o de 2019;

– As transferências de capital do Orçamento de Estado, apesar de termos um governo socialista e de esquerda no poder, diminuíram 700 (setecentos) mil euros;

– A cobrança de água, saneamento e resíduos, serviços básicos e essenciais à população, foi aumentada em mais de 28%; e, finalmente.

Subsiste, nestas contas, um desequilíbrio encapota-do, mas que está lá.

Respeita-se, com o documento que votamos, a lei do equilíbrio orçamental, mas ficam por pagar 2 (dois) milhões de euros em despesas correntes;

E deixa-se em despesa comprometida, ou por pagar, mais de 3 (três) milhões de euros (para nós uma verdadeira enormidade).

Quanto acaba de se acusar irá criar desequilíbrios, ou dívida, mais à frente, de futuro.

Não vale, pois, a pena ter orçamentos pomposos, para alimentar as notícias, ou para as redes sociais, mas depois vermos alocados mais de metade dos meios à despesa corrente e a fornecimentos e serviços externos (em detrimento do investimento). É um gasto que não perdura, que não produz, que não cria riqueza, e que terá uma análise de retorno muito duvidosa.

Importa atentar, por último, em que de acordo com a documentação que nos foi distribuída o Orçamento para o ano de 2019 sofreu 1 (uma) revisão e 3 (três) alterações orçamentais do lado da receita, e 1 (uma) revisão e 19 (dezanove) alterações orçamentais do lado da despesa. Constitui, desse modo, uma autêntica “manta de retalhos”.

A partir daqui o Executivo PS não poderá vir falar num documento que prima pelo rigor, nem em eficiência da atividade governativa.

Os eleitos locais acabam por não saber, em função dessas, sucessivas, e profundas, alterações e revisões, se aquando da apreciação e votação do Orçamento estão a votar o documento que irá servir de base à atuação do Executivo ao longo do ano seguinte ou antes a cumprir uma mera formalidade.

Foi pelo exposto que o nosso sentido de voto foi contra.

Pela Coligação PPD/PSD-CDS/PP, o deputado municipal

Continuação da pág. anterior

cada casa. É cumprimento d’um antigo voto, feito por ocasião d’uma grande peste, de cujo flagelo foram estas terras preservadas, tendo sofrido muito as outras. Ainda hoje se fazem procissões de penitência com um enorme cortejo. Perto d’esta igreja havia uma propriedade chamada Quinta da Orada, que a condessa D. Frouila deu ao mosteiro de Fiães, assim como a Quinta de Cavalleiros, na freguesia de Rouças, d’este concelho, em 16 de Dezembro de 1204. Melgaço pertence à 3ª Divisão Militar, 5ª Brigada, Grande Circunscrição do Norte, e ao distrito de recrutamento nº 3, com sede em Vianna do Castelo. Tem escolas para ambos os sexos, estação de telégrafo e postal com serviço de emissão e pagamento de valles do correio e telegraphicos, cobrança de recibos, letras e obrigações, e serviço de encomendas, permutando malas com a R. A. M.

Tem Misericórdia, hospital, advogados, notário, médicos, farmácias, agências bancárias e das companhias de seguros Previdência, Tagus, e da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil, agência de vapores, casas de pasto e de bebidas, vice-cônsul hespanhol e do Brazil, sociedade Recreio Melgacense, feiras mensais nos dias 9 e 14.

Tem-se publicado em Melgaço os seguintes jornais: Espada do Norte, 7 de janeiro de 1892; é continuação

do Melgacense, 1 de dezembro de 1887; Jornal de Melgaço, 1 de dezembro de 1893; em publicação, dezembro de 1908; Melgacense (O), 6 de novembro de 1887 a 18 de outubro de 1888; Melgacense, 16 de julho de 1896; No Jornal de Melgaço, 27 de janeiro de 1898.

Do castello ou torre do relógio, ainda bem conservada exteriormente, desfruta-se um bonito ponto de vista para a maior parte do concelho e para Hespanha. No local de Barzia, da freguesia de Paderne, do concelho de Melgaço, existe a Quinta de Peso, em que há uma nascente de aguas mineraes, que são claras, transparentes, inodoras, de sabor picante e muito gazonas. As aguas de Pezo de Melgaço tornam se notáveis por serem as que em Portugal contem maior proporção de carbonato de cal, e das que mais acido carbónico apresentam.

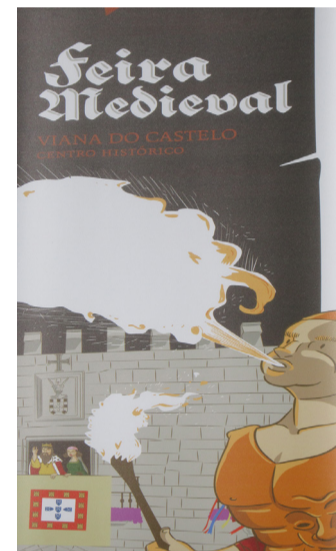
São muito usadas contra as dyspepsias, lithiase biliar e diabetes. O concelho de Melgaço compõe-se de 18 freguezias com 3 776 fogos e 14 910 habitantes, sendo 6 400 do sexo masculino e 8 510 do feminino. As freguezias são: S. Martinho, de Alvaredo, 760 hab.: 332 do sexo masc. e 428 do fem.; Santa Maria, de Castro Laboreiro; 2 019 hab., 934 do sexo masc. e 1 116 do fem.; Santa Maria Magdalena, de Chaviães, 653 hab.: 263 do sexo masc. e 390 do fem.; S. Martinho, de Christoval, 755 habitantes: 290 do sexo masc. e 465 do fem.; S.

Thomé, de Couso, 551 hab.: 218 do sexo masc. e 333 do fem.; Santa Maria, de Cubalhão, 345 hab.: 158 do sexo masc. e 187 do fem.; Santa Maria, de Fiães, 783 hab.; 308 do sexo masc. e 475 do fem.; Santa Maria, de Gavea, 622 hab.: 260 do sexo masc. e 362 do fem.; S. João Baptista, de Lamas de Mouro, 205 hab.: 63 do sexo masc. e 142 do fem.; Santa Maria da Porta, de Melgaço, 1 080 hab.: 461 do sexo masc. e 619 do fem.; Santa Maria, de Paços, 667 hab.: 300 do sexo masc. e 367 do fem.; S. Salvador, de Paderne, 1:908 hab.: 829 do sexo masc. e 1:079 do fem.; S. Mamede, de Parada do Monte, 801 hab.: 375 do sexo masc. e 429 do fem.; S. Thiago, de Penso, 1 072 hab.: 463 do sexo masc. e 609 do fem.; S. Lourenço, do Prado, 530 hab.: 213 do sexo masc. e 317 do fem.; S. João Baptista, de Remoães, 165 hab.: 71 do sexo masc e 91 do fem.; Santa Marinha, de Rouças, 942 hab.: 414 do sexo masc. e 528 do fem.; S. Paio, de S. Paio de Melgaço, 1 019 hab.: 449 do sexo masc. e 570 do fem. O principal comércio do concelho é milho, feijão, vinho e presuntos.”

Extraído de: PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme (1909) - Portugal - Dicionário Histórico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heráldico, Numismático e Artístico. João Romano Torres & Companhia; Lisboa.

Memorial do Ciclo Festivo Festas, Feiras e Festivais

José Rodrigues Lima



Este texto de “memória” do ciclo festivo, recorda as festas, feiras e festivais ,no tempo histórico condicionado ou cancelado pela pandemia do Covid-19.

Lembrar é fácil para quem tem memória.

Esquecer é difícil para quem tem coração.

As manifestações festivas fazem parte do estudo das ciências sociais e refletem a alma do povo. Os familiares e amigos no ciclo festivo são sempre alguém com quem se está bem.

DIAS SOLARENGOS

Estamos no tempo das manhãs claras, dos dias solarengos e com temperaturas agradáveis.

O Alto-Minho é um arraial contínuo.

Ouvem-se sons dos gaiteiros, dos bombos, dos cantares ao desafio e escutam-se as bandas de música no arraial, que dura pela noite dentro, executando lindas partituras onde a música clássica se mistura com rap-sódias.

Há música rock animada e forte.

Dança-se e fala-se ao amor.

“Teus olhos me guiam, / Tua alma me aquece; / Teus lábios me beijam / Meu coração adormece”.

Aquando “os santos populares” houve foguetes no ar e sardinha assada e aromas de manjerico.

Agora, na festa dos padroeiros os sons festivos ouvem-se ao perto e ao longe. Os fogos de artifício iluminam o céu com multicores.

Acontece o espectáculo piro-musical.

Há procissões com estandartes, andores, figurados,

devotos amortalhados cumprindo promessas de horas difíceis.

As comissões, mordomas e mordomos desfilam com alegria festiva.

Surgem ramos de flores para o santo da devoção com muitos cravos brancos e vermelhos.

Ouvem-se toques festivos dos sinos nos campanários.

Fazem-se preces sentidas e desabafos de recordação, ligando o hoje ao ontem, onde os laços antigos se cumprem na tradição. Cada um sente a festa a seu modo, mas vivendo-a na coesão social com rituais integradores.

Há sons e animação com carrinhos a dar uma volta...

Há pregões de feirantes e provam-se as farturas.

Ainda há roscas, mas já não há pirolitos.

Não há as aguadeiras de cântaro à cabeça, anunciando: “Olha a boa limonada.”

Agora saboreiam-se outras bebidas...

Haja alegria que baste, para quebrar com o quotidiano pesado, pois “tristezas não pagam dívidas”.

É tempo de viver de manhã e pela noite dentro com um coração novo em companhia de familiares e amigos.

A comensalidade é festiva, saboreando-se a boa comida em mesas grandes com toalhas lindas.

Os aromas cruzam-se com os paladares, saboreados com o bom vinho verde. (Como aquele que se esconde no pipo detrás da porta e era reservado para o dia dos padroeiros).

É a festa da nossa terra.

Assim, de Maio a Setembro, e que linda é a nossa festa!

De portas a dentro (na Igreja) e portas a fora (no arraial).



NOVIDADES

VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

**“Da Costa Congelados,
até ao seu prato”**

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!
251 031 438

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

E não se esquece a esmola ao santo, ofertando a dádiva da reciprocidade.

Rogam-se bênçãos para os dias de trabalho, dos afazeres e das canseiras.

Mas vamos à festa dos padroeiros e das romarias.

Não há muito tempo os meses do ano eram referidos pela celebração do santo.

Assim, o mês de Junho era o mês de S. João; o mês de Julho era de S. Bento ou de Santiago; o mês de Agosto é o de S. Bartolomeu e da Sr^a da Agonia; e o mês de Setembro (o mês das colheitas) conhecido pela Romaria da Sr^a da Peneda e S. Miguel.

Recordamos de Pedro Homem de Mello:

“Quando ouço a concertina,
Reparo e tiro o chapéu;
Não me importava de morrer
Se houvesse disto no céu”.

Assim registamos ainda da nossa poesia:

“Mesmo na frente marcham a compasso,
De fardas novas vai o sol e o dó;
Quando o regente lhe acena com o braço
Logo o trombone faz pó, pó, pó, pó, pó, pó”.
(Lopes Ribeiro)

“O fogueteiro é engraçado,
É engraçado tem jeito;
Deita o fogo para o ar
Fica todo satisfeito”
(Popular)

“Pelas ruas, os zés pereiras
Num zabumbar,
Entre trofeus e bandeiras
Lá vão p’ró grande arraial”
(Francisco Silva)

“Gaita, gaitinha, ai feiticeira
Gaita, gaitinha, que alegre o sol;
Porque foi feita p’ra moineira
É que lhe chamam gaita de fole!”
(João Verde)

FEIRAS

No tempo de verão realizam-se muitas feiras que mobilizam negociantes, vendedores e por vezes gado cavalariço.

É de referir a feira anual a 12 de Setembro, em Portela de Alvite, Sistelo, concelho de Arcos de Valdevez.

Aí se transacciona bastante gado cavalariço sendo de destacar os garranos.

Como escreve a historiadora Virgínia Rau “as feiras são uns dos aspectos mais importantes da organização económica da Idade Média. A feira não supõe só o ponto de contacto periódico entre compradores e vendedores, onde se compra, vende, ou escamba. Supõe também uma organização especial.

As feiras contribuíram para a melhoria das relações económicas e jurídicas entre os homens.

As romarias, as peregrinações e todas as festividades religiosas atraíam peregrinos vindos de longe, e assim essas concentrações tornavam-se muitas vezes em centros de troca.”

Pelo Alto-Minho realizam-se as feiras com inspiração medieval, atraindo muitos forasteiros que se introduzem no ambiente secular onde não faltam os cuspidores de fogo e os tamborileiros.

FESTIVAIS

O ambiente bucólico do Alto-Minho convida a apreciar as águas cristalinas dos rios que descem da montanha e correm para o Atlântico.

Há espaços que convidam a permanecer ouvindo o murmúrio das águas e canto da passarada.

No território minhoto há locais que convidam para se ouvirem as bandas de rock.

Assim, está muito divulgado o festival que se realiza na zoa do Taboão, Paredes de Coura, bem como o festival de Vilar de Mouros.

Mas em Ponte de Lima, de há anos a esta parte, há uma iniciativa já de carácter internacional que é o “Festival de Jardins”. No corrente ano a efeméride tem o tema: “Jardins do conhecimento”.

As festas destacam a importância do território e do património, desenvolvendo momentos culturais significativos nas dinâmicas sociais.

Parece-nos oportuno referir o pensamento de Platão: “Mas os deuses com pena da humanidade – nascida para trabalhar – estabeleceram a sucessão de festas repetidas, a fim de recupera-los da fadiga, e deram-lhes as Musas e Apolo, seu chefe, e Dionísio, como companheiros nas suas festas, de forma que, alimentando-se com os deuses em companhia festiva, pudessem novamente manter-se de pé e erectos.”

“A festa define-se pela efervescência, explosão intermitente, o frenesim exaltante, o sopro poderoso da

efervescência comum, a concentração da sociedade, a febre dos instantes culminantes”.

A festividade revigora as energias sociais, de acordo com o pensamento de Durkheim, Hubert e Mauss.

A festa faz bem para alegrar a gente.

O tempo de férias é bom para fortalecer o convívio familiar e celebrar a amizade.

No livro do Eclesiastes (Bíblia) podemos ler: “Debaixo do céu há momentos para tudo: um tempo para morrer, um tempo para chorar e um tempo para rir, um tempo para se lamentar e um tempo para dançar”.

ROMARIA DA SENHORA DA PENEDA

A igreja da Senhora da Peneda foi classificada com “Santuário” pela sua história, pela devoção e fé de muitos devotos de Portugal e da Galiza.

O testemunho dos peregrinos é eloquente e comum nos cerimoniais com grande alegria, praticando rituais profundos com elos seculares.

A Romaria da Senhora da Peneda é a última do período festivo.

Os que caminham para o SANTUÁRIO DA SENHORA DA PENEDA são peregrinos que vão com cuidado de sentir emoções espirituais, por vezes trazendo na mente o que escreveu Miguel Torga:

O peregrino vem,
Reza devotamente
Põe no altar o que tem
E regressa mais leve e contente!
Assim faço também!

Da etnografia das gerações recordamos da poesia popular:

Senhora da Peneda
Senhora da Penedinha;
Comadre da minha mãe
Senhora minha madrinha.

Ó Senhora da Peneda,
Pró ano cá ei vir;
Casada ou solteira
Ou criada de servir.

Ó Senhora da Peneda
Este ano não vou lá;
Por falta de dinheiro
Muita gente ficou cá.

A confiança na ciência trazida pelo Covid-19 contribuirá para um futuro melhor

Abílio Francisco Conde

Nestes últimos meses acompanhamos como a ciência descobriu o agente infeccioso do Covid19 e o seu comportamento. Mas perante a sua gravidade vai ficando à vista a sua insuficiência. As pessoas ficam perplexas como demora tanto tempo um tratamento seguro. Como não sabemos se os anticorpos geram imunidade e ainda ninguém sabe ao certo qual a proveniência do coronavírus. Todos esperavam que a ciência descobrisse rápido mas as respostas ainda são inconclusivas. Porém, ainda há mais confusões. As regras que os cientistas dizem ser importantes seguir parecem ser arbitrárias e terem bases pouco sólidas. Há dúvidas se as máscaras protegem ou não. Quando se devem usar e porque temos de ficar a 2 metros de distância uns dos outros. Porque alguns espaços podem abrir e outros não. Tudo isto dificulta o esclarecimento de todos. Fica assim aberta margem para reduzir a confiança nos cientistas Além disso é evi-

dente que há na ciência lugar para diversas posições políticas. Tudo isto se junta à crise da verdade que se vem intensificando nestes últimos anos, ajudada pelas redes sociais. Na verdade, vários grupos científicos têm-se defendido de opiniões contraditórias. São exemplo disso os debates das vacinas e do aquecimento global. A partir destas observações podem ser discutidas duas ideias. A primeira é que a ciência é uma tarefa humana com muitas fragilidades difíceis. É melhor a colocar dúvidas do que a fazer certezas e é permeável a interesses e a erros próprios dos seres humanos. A segunda ideia é que as pessoas actuais **têm dificuldade a lidar com a complexidade**. Talvez este momento esteja a contribuir para que a ciência se reforce e contribua para uma vida melhor dos cidadãos de todo o mundo. Até ao próximo jornal se Deus quiser.

Junho 2020



Bombeiros de Melgaço reforçam combate a incêndios com nova equipa de apoio... Mas aguardam há um ano por 40 EIP

João Martinho

Com 58 elementos no corpo activo, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço (AHBVM) conta, a partir de 1 de Julho, com três equipas de combate e apoio em caso de incêndios rurais.

À Equipa de Intervenção Permanente (EIP) composta por cinco elementos e apta a responder a todo o tipo de ocorrências (excepto transporte de doentes não urgentes) junta-se, desde 1 de Junho a 15 de Outubro, a Equipa de Combate a Incêndios (ECIN), com cinco elementos e uma viatura de combate a incêndios florestais e ainda, de 1 de Julho a 30 de Setembro, uma Equipa Logística de Apoio ao Combate (ELAC) com dois elementos e um veículo tanque para apoio à ECIN no abastecimento de água.

A novidade no dispositivo de resposta à ocorrência de incêndios rurais será, este ano, a inclusão da equipa logística, que em Melgaço representará uma considerável melhoria no combate às chamas assim que concluídas as adaptações de um veículo cisterna com capacidade para nove mil litros de água.

José Codesseira, 2ª Comandante dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, prevê uma maior eficácia no combate pelos dispositivos disponíveis, mas admite haver alguma dificuldade de circulação no terreno.

“Geralmente, no Verão não facilitamos. Estando todos os meios disponíveis saem todos, para um ataque musculado e extinguir o incêndio numa primeira intervenção”, indica.

O reforço do parque de viaturas operacionais com veículo tanque, previsto para incorporar os serviços antes do período de alerta, acabou por demorar devido às limitações do surto pandémico. A empresa João Pires, que está a dar apoio na adaptação, viu limitada a as-

sistência ao veículo.

José Codesseira refere que as previsões apontavam para que o novo camião cisterna estivesse já nas instalações da corporação no dia 1 de Julho para apoiar a ELAC, mas há expectativa de que ainda possa estar disponível no período de alerta deste Verão. Até lá, os BVM têm como apoio um veículo cisterna com capacidade para oito mil litros.

No período sem ocorrências activas, Os bombeiros em serviço realizam “visitas aos locais sensíveis” do concelho em caso de ignição, o reconhecimento dos acessos florestais, e pontos de água.

Nesta visita de preparação e de segurança da mancha verde do concelho, os elementos da corporação identificaram “vários pontos sensíveis” que podem resultar em incêndios de maior escala em caso de ignição.

“Este ano pouca limpeza foi realizada. A equipa tem-se deparado com vários caminhos florestais obstruídos, o que nos vem dificultar a deslocação, em caso de incêndio. Os montes têm muita vegetação acumulada e muita carga de combustível. Em caso de ignição e com as condições propícias, poderemos ter uma probabilidade de incêndios maior”, confessa José Codesseira, ressaltando no entanto já ter alertado as equipas de Sapadores do município, que “em breve” actuarão em alguns dos casos reportados.

Alerta para os períodos críticos: Manchas florestais sem manutenção e distrito “menos um meio aéreo”

O Segundo comandante da corporação melgacense lamenta ainda que, a nível distrital, o Alto Minho perca o apoio de um meio aéreo. “Teremos apenas um meio aéreo no combate, menos um que em anos anteriores, o



que não nos vem ajudar, porque em casos simultâneos de ocorrências, só poderão ir à primeira”, notou.

Numa altura em que “a renovação das manchas florestais não aconteceu” e se deixou à mercê da natureza a gestão da renovação florestal, a manutenção tardia poderá trazer algumas dificuldades num futuro próximo para as corporações, em caso de ignição.

Os Equipamentos de Protecção Individual (EPI), sobretudo as peças com maior desgaste, como é o caso das calças e dólman (casaco), serão uma das dificuldades da corporação a curto prazo, no caso de ocorrências em teatros de operações com mato ou outros obstáculos. O 2º Comandante dos BVM diz ter a informação de que o concurso que permitirá entregar à corporação “cerca de quarenta” equipamentos ainda está em curso e sem data para entrega.

“Temos a receber cerca de quarente equipamentos de protecção individual, mas já iniciamos o dispositivo de combate a incêndios e ainda não recebemos nada. Os equipamentos que temos hoje são os mesmos que tínhamos o ano passado, já com mais desgaste, porque temos incêndios fora da época mais crítica de combate. Há muitos incêndios no início do ano, das renovações de pastos”, esclarece José Codesseira.

“A associação [AHBVM] adquiriu há dois anos mais de vinte equipamentos, considerando que cada equipamento, só calça e dólman, andam à volta de 150 euros. Além disso, recebemos nos últimos dois, três anos, dez equipamentos completos por oferta do Intermarché, em campanhas que fazem no Verão. Só assim temos renovado o equipamento”, acrescenta ainda, ressaltando no entanto algumas melhorias no espólio destes equipamentos.

“Há quatro anos, cada bombeiro só tinha um EPI. Isto era, se saísse neste momento para uma ocorrência, teria de usar o mesmo equipamento na próxima, dali a umas horas. A associação foi adquirindo e com estas campanhas, actualmente oitenta por cento da corporação de Bombeiros tem (apesar do desgaste) dois EIP”, refere o 2º Comandante.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RAO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

AECT Rio Minho quer Cartão de Cidadão Transfronteiriço para libertar circulação entre Minho e Galiza

Manoel Batista exigiu investimento na rodovia para responder ao “grande crescimento” industrial na raia minhota

João Martinho



Quinze dias antes da abertura total de fronteiras, a 1 de Julho, as pontes internacionais entre o Alto Minho e a Galiza abriram apenas para a passagem de trabalhadores transfronteiriços e transporte de mercadorias.

Assim, à excepção da ponte internacional Valença-Tui, onde já era permitida a passagem (com as mesmas restrições), só a 15 de Junho abriram os acessos viários entre os dois países nas passagens Melgaço-Arbo, Monção-Salvaterra do Miño e Vila Nova de Cerveira-Tomiño.

Durante o mês de Junho, os autarcas dos concelhos raianos levaram a efeito várias manifestações sobre as pontes bloqueadas, pedindo a abertura à circulação de trabalhadores e mercadorias e acabaram por comemorar “uma pequena vitória” em meados de Junho a meio da ponte Melgaço-Arbo.

Úxio Benítez, Director do AECT Rio Minho, acompanhado por mais de uma dezena de autarcas representantes dos municípios integrantes deste agrupamento, congratulou os participantes que deram voz e permitiram esta vitória que conseguiu “aliviar quinze dias” a economia dos trabalhadores, encurtando a distância entre a sua residência e o local de trabalho.

Para salvaguardar a livre circulação das populações raianas em circunstâncias futuras que limitem a circulação entre países, Úxio Benítez anunciou a proposta de um projecto-piloto para a criação de um Cartão de Cidadão Transfronteiriço que funcionará como ‘livre-trânsito’ para a população raiana. “Um cartão que identifique todos os que vivam neste território. Os que fazemos a nossa vida, o nosso trabalho e o nosso lazer distintamente de estarmos num estado ou no outro”, reforçou o responsável do agrupamento.

Considerando as perdas para a economia do território devido ao encerramento das passagens fronteiriças

desde 17 de Março, na fase inicial da pandemia Covid-19 e cujo impacto será avaliado em estudo a ser desenvolvido pela Universidade de Vigo, o AECT Rio Minho vai instar as entidades regionais, nacionais e europeias a que “instruam os procedimentos económicos compensatórios necessários para que se compense este território por ter tido as fronteiras fechadas”.

“À fronteira mais dinâmica social e economicamente não se pode permitir que esteja afogada como esteve todos estes meses, com um muro de Berlim que nos puseram”, considerou Úxio Benítez, perspectivando que estas limitações afectarão “em dobro” a economia fronteiriça, relativamente à crise que afectará a economia mundial.

Para minimizar as perdas, o AECT Rio Minho defende a implementação de uma ITI – Intervenção Territorial Integrada de dimensão transfronteiriça já para o período de fundos comunitário 2021-2027, tendo como base a Estratégia 2030 do Rio Minho Transfronteiriço. Este instrumento específico, a formular com acordo entre os estados português e espanhol, dará mais poderes de gestão às entidades locais de cooperação territorial, como é o caso do AECT Rio Minho em parcerias com as eurocidades e outras entidades regionais de ambos os países.

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, elogiou o plano estratégico do AECT Rio Minho, que considerou “bem elaborado, detalhado, com acções concretas para que sejam colocadas no território” e ambicionou, no âmbito do próximo quadro comunitário, alguns reforços para as zonas de fronteira do lado galego e português.

“Há mais de uma década que não se fazem investimentos estruturantes. Foram mais ou menos esquecidos, estes territórios”.

Neste sentido, e reforçando um apelo que tem for-

mulado sempre que algum representante do Governo visita o concelho, Manoel Batista voltou a recordar o pedido de uma “reabilitação bem feita e bem pensada” da E.N. 101 de Valença até Monção e da E.N. 202 de Monção a São Gregório.

“Exigimos. É um direito destes municípios que há muito tempo não tem qualquer investimento na rodovia”, sublinhou o autarca de Melgaço, considerando ser uma melhoria estrutural para o turismo, mas também para o “grande crescimento” industrial que perspectiva para esta região, “de um lado e do outro da fronteira”.



Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Pois em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

Teletrabalho: o maior sucesso da Covid

Costa Guimarães

O regime de teletrabalho encontra-se devidamente legislado, em Portugal, desde 2033, no Código do Trabalho, dos artigos 165 ao artigo 171 mas apareceu com toda a força com as medidas de confinamento geradas pela Covid 19. Até agora, apenas 0,02 dos trabalhadores por conta de outrem o faziam.

Falamos aqui de um regime laboral para que possa ser realizado, é necessário que exista a celebração de um contrato escrito, no qual deve constar que tipo de prestação de serviços entre a empresa e o trabalhador.

Mesmo que não se verifique a existência de um contrato específico de teletrabalho, os pais que tenham filhos até três anos de idade podem, em termos legais, trabalhar neste regime, se o trabalho a efectuar for compatível com a atividade exercida e desde que a entidade empregadora, disponha de recursos para tal.

Dar maior flexibilidade aos trabalhadores no trabalho remoto é um caminho que se afigura irreversível para muitas das grandes empresas nacionais. Porque, admitem, toda a gente pode ganhar com isso, mas temos de esperar para ver, porque os riscos para a grande massa trabalhadora são muitos.

Jack Nilles, criador da palavra, retira deste regime aquelas pessoas que não conseguem combater certos vícios, como a gula, as drogas, o alcoolismo, e todos os problemas que daí advêm como a desorganização, a falta de método no trabalho, o incumprimento de prazos e as quebras de qualidade, não têm o perfil indicado para esta nova forma de trabalhar. Do mesmo modo, os trabalhadores que necessitam de supervisão física directa, os que têm menor auto-estima e disciplina ou os que necessitam de relações face a face para não se sentirem isolados, não devem optar pelo teletrabalho.

A Covid obrigou muitas empresas a confiar no teletrabalho como solução para manter a actividade. Nas últimas semanas, milhares de trabalhadores em Portugal trabalharam a partir de casa. Muitas famílias viram-se obrigadas a trabalhar em casa, com a mesma produtividade, enquanto cuidavam de filhos impedidos de ir à escola -, mas para as empresas foi um sucesso.

Todas admitem que o teletrabalho é um modelo a dar continuidade no futuro e uma parcela importante das empresas está decidida a manter os seus profissionais neste regime. Não voltaremos a trabalhar como antes.

É verdade que o teletrabalho pode promover a interligação entre trabalho e família, dando maior liberdade aos colaboradores para organizarem a vida e conciliarem os diferentes interesses pessoais e profissionais. No entanto, este modelo só é possível por existir, além de recursos tecnológicos, confiança nos colaboradores e uma cultura de trabalho de reconhecimento do mérito, promovendo a responsabilização e o cumprimento de objetivos”, acrescenta.

Uma coisa é certa: ficou provado de que podem criar-se novos hábitos de trabalho, e que devemos olhar para o teletrabalho como uma nova oportunidade, embora a maioria das pessoas continue a valorizar a interação presencial com os colegas e a ida ao escritório”.

O aumento de produtividade (a pessoa passa a poder escolher o espaço físico em que trabalha) e a redução de emissões de carbono, associada ao menor número de deslocações ao escritório, são alguns dos benefícios do teletrabalho. Em determinadas funções o teletrabalho é uma opção viável e que pode fazer todo o sentido quer para o trabalhador quer para a empresa.



Existem várias modalidades de Teletrabalho elencada por Paulo Serra, no seu estudo “Teletrabalho – Conceito e Implicações”: o teletrabalho em casa, o teletrabalho nos centros-satélites, o teletrabalho nos centros de teletrabalho (chamados “centros de vizinhança” ou “de recursos”) e o teletrabalho móvel.

O QUE É O TELETRABALHO?

O teletrabalho pode ser caracterizado quanto ao local de trabalho, ao horário de trabalho e situação sócio-profissional. Quanto ao local de trabalho, este pode ser feito em casa, ligado a um escritório central ou sede.

O teletrabalho em casa deve, para ter sucesso, obedecer às seguintes condições: limitar (simplificar) ao máximo os equipamentos (exemplo: computador e telefone); dar ao trabalhador os meios de controlar o seu ritmo de trabalho; fazer com que os resultados da actividade sejam mensuráveis;

preferir as actividades que necessitem de concentração intelectual; definir planos de trabalho, quando necessário.

Pode denominar-se centro de recursos (partilhados). São centros equipados com computadores e facilidades de telecomunicações para uso dos trabalhadores por conta-própria, pequenas empresas de negócios e público indiferenciado. Situa-se geralmente perto do local da residência dos utilizadores.

O teletrabalho pode ser feito a tempo inteiro ou tempo parcial e como em todas as outras formas de trabalho tradicionais, o teletrabalho apresenta implicações a nível económico, social, psicológico, entre outras, das quais resultam vantagens e desvantagens para o teletrabalhador, para as empresas e para a sociedade em geral.

PRÓS E CONTRAS

Das vantagens para os trabalhadores que o teletrabalho pode trazer e consequentemente melhorar a sua qualidade de vida destacamos: a possibilidade de estabelecer o seu próprio horário de trabalho (horário flexível); redução do tempo gasto na deslocação para o emprego ou eliminação deste, o que pressupõe uma economia no uso dos combustíveis; oportunidade de aproveitar melhores hipóteses de trabalho sem sair da área de residência; regulação da vida familiar, pois pode conciliar a vida profissional e familiar; aumenta a motivação do teletrabalhador e independência como efeito da confiança que ganha em si próprio; melhoria da qualidade de vida e bem-estar social pois pode-se gerir mais facilmente o volume de trabalho, conjugando-o com a família e a sua inserção na comunidade em geral.

Para os empregadores ou empresários, o teletrabalho pode contribuir também para a melhoria das condições de negócio, trazendo-lhes vantagens ao nível da rentabilidade e produtividade: redução de custos ao nível de espaço, equipamentos, rotação de pessoal e realocação de trabalhadores;

aumento da produtividade e eficácia centrada numa maior optimização do tempo; maior flexibilidade na empresa pois são eliminadas as distâncias, desenvolvendo-se o trabalho onde estão as competências; diminuição da perda de trabalhadores; redução de factores externos, como más condições climáticas ou greve de transportes, traduzindo-se num menor absentismo.

Existem também vantagens para a sociedade que podem contribuir para uma melhoria das condições de vida e bem-estar: redução dos fluxos de tráfego, nas grandes cidades e nas horas de ponta e redução de problemas de estacionamento; melhor ambiente resultante da redução dos níveis de poluição provocados pelos automóveis; combate à desertificação do interior rural, oferecendo às suas gentes melhores oportunidades de trabalho, sem problemas de deslocação; integração no mercado de pessoas com deficiências, donas de casa, jovens-mães, que de outra maneira não seria possível aproveitar as competências, combatendo-se assim a exclusão social.

Mas não há bela sem senão.

Para os trabalhadores, existem algumas desvantagens que podem justificar a pouca receptividade ao teletrabalho: isolamento social pode levar a situação de angústia, depressão, stress, devido à redução do contacto com os colegas e superiores hierárquicos; higiene e segurança no trabalho, pois as condições ergonómicas podem ficar de parte e prejudicar o desempenho a curto prazo;

dificuldades em organizar o seu trabalho e gerir da melhor forma o tempo, pois nem todas as pessoas o conseguem fazer; aumento da precariedade de emprego e aumento do trabalho a tempo parcial; dificuldade na defesa dos seus direitos laborais e a perda de regalias sociais;

invasão do trabalho no lar e nos tempos-livres e perda do sentimento de pertença em relação ao seu grupo profissional.

Ao nível da sociedade, o teletrabalho pode trazer algumas desvantagens nas condições de emprego e relacionamento entre os indivíduos, como pagamento de baixos salários como consequência da ausência de legislação; carácter individualista dos cidadãos em sociedade, fruto da diminuição do “espírito de equipa e de inter-ajuda entre os colegas” e possível integração de menores no mercado de trabalho.

Para saber mais: cf. Eiras, Ruben, «Jack Nilles em defesa do teletrabalho», in Executive Digest, p. 72.; e Rodrigues, Jorge Nascimento, «Em casa do “pai” do teletrabalho», in Executive Digest, p. 75.

UM DESAFIO COMPLICADO

Parece tudo simples, mas não é. O receio do médio prazo interpela-nos sobre a novas fórmulas de trabalho, sobre o sucesso, a organização do trabalho e os outros desafios do planeta e da pessoa humana - como o isolamento. É a maior experiência de trabalho remoto da história: três em cada cinco empresas não tinham qualquer experiência de teletrabalho, antes da pandemia.



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Vendem-se

Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:
251 414 973 / 969623094

Batateiro: Parcela histórica vai produzir cerca de 50 toneladas no segundo ano de cultivo

Marca “Terras Altas de Melgaço” entra no mercado em Outubro de 2020

João Martinho



Na década de 50 do século vinte, o Batateiro, na Freguesia da Gave (Melgaço), seria a maior experiência de produção intensiva de batata no Alto Minho.

A dimensão da produção, à altura apenas com o trabalho humano e apoio de gado (para lavrar e preparar o terreno) é ainda hoje visível na paisagem, mas o trabalho dos homens e mulheres daquele tempo deixou marcas também no solo, como nos conta Marco Sousa, sócio-gerente da empresa Terras Altas de Melgaço e um dos quatro sócios que quer revitalizar a produção de batata naquele lugar.

No momento da preparação do solo, em 2019, para a primeira plantação, os empresários constataram que o terreno “tinha as vertentes perfeitas” e até “trinta centímetros [de profundidade] não tinha pedra”. Por isso o desafio consistia apenas em limpar, lavrar e plantar a semente (em camalhão) para que a produção vingasse.

“Decidimos fazer a experiência novamente. É verdade que o clima já mudou, mas o terreno está lá, a altitude continua a ser a mesma. **O ano passado experimentamos em cerca de 7500 metros quadrados com a batata variedade Yona, e correu bem**”, começa por explicar Marco Sousa.

Com a certificação enquanto produção biológica, a experiência do primeiro ano deu para submeter à prova o regresso do tubérculo ao histórico local, mas também criar banco de semente para que em 2020 se pudesse ambicionar mais e lançar definitivamente a batata para o mercado.

Em 2020, a aposta é de maior dimensão e com mais uma variedade. Depois do relativo sucesso no aproveitamento da variedade Yona (batata vermelha), o grupo de empresários alargou este ano a sementeira para a variedade Monalisa (batata branca), **totalizando uma sementeira de 3 a 4 hectares de terreno.**

Parece muito, mas representa apenas cerca de metade da área com capacidade produtiva do Batateiro anualmente, cumprindo a rotatividade do solo. A extensão propícia para sementes tem um total de 14 hectares, mas apenas sete poderão ser destinados a batata.

Assim, das cinco toneladas de batata vermelha e uma de batata branca já semeadas resultará uma produção “entre quarenta a cinquenta toneladas”, a colher a partir de Outubro deste ano. Agora, só falta saber como escoá-la e perceber a necessidade do mercado.

“Grande parte da batata biológica dela é importada. Em Portugal importamos muita, porque a produção nacional só chega ao mês de Janeiro, a partir daí é quase tudo importado, por isso há mercado para a batata”, revela Marco Sousa.

“Não foi intenção nossa introduzir logo no primeiro ano no mercado, não estávamos preparados para isso. Tivemos de tratar de documentos que não tínhamos. Tínhamos a batata certificada como biológica, mas já era tarde, optamos por armazená-la para semente, em vez de adquirir batata nova”, notou ainda o responsável.

De calibre médio, casca fina e de sabor característico, a batata vermelha “é o calibre que mais se gasta no consumo” e se não houver percalços, vai para o mercado em Outubro em cadeias de distribuição, mas também nos mercados locais e restauração que optar por basear o seu menu com este produto.

“Vamos vender a granel e no mercado tradicional local, para dar a conhecer o produto”, notou Marco Sousa. “Tem de ser escoada para quem tenha cadeia de distribuição montada, nós não conseguimos sozinhos escoar cinquenta toneladas de batata”.

Fixe por isso a imagem da marca Terras Altas de Melgaço, que figurará em alguns locais. Afinal, haverá mais de quarenta toneladas de batata biológica, pronta para um mercado que começa a não ter produção a partir do início do ano. Poderá já não encontrar.



ADEGA RESTAURANTE JR SABINO

Visite o nosso Website!



Tlf.: 251 404 576 | Tlm.: 963 452 031



CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Maria de Lourdes Duque
Lameiro - Gave | 68 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Miguel Orêncio G. Pereira**
Vila - Melgaço | 60 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Pureza de Jesus Vicente**
Cristóval - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Esteves**
Pereiral - P.Monte | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel José Gonçalves**
Gaia - S.Paio | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Sara ALVES**
Cousso - Melgaço | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Artur Rodrigues**
Prazos - Roussas | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Florinda de Sousa Cardoso**
Roussas - Melgaço | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Esteves**
Cerdeiral | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Maria Vaz de Castro
Alvaredo - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Isaura Fernandes**
Alvaredo - Melgaço | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa de Jesus Henriques**
Fiães - Melgaço | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Sandro Rui Vilas Augusto**
Vila - Melgaço | 51 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Augusto Gonçalves**
Alvaredo - Melgaço | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Fátima A. Ferreira**
Cristóval - Melgaço | 79 Anos

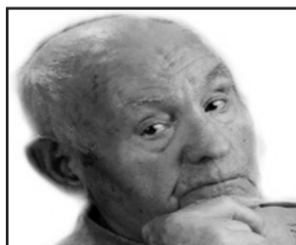
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria da Costa G. Pereira**
Roussas - Melgaço | 98 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rafael Daniel de Castro**
Cristóval - Melgaço | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Júlio de Lima**
S.Gregório - Cristóval | 78 Anos

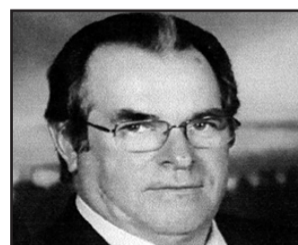
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

António Modesto Esteves
Lamas de Mouro | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Joaquim Fernande**
(Faleceu em França)
Gave - Melgaço | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Francisco Xavier**
R.Cima - C.Laboreiro | 98 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ARLINDO CASTRO



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

«**Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em folha que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis.**»



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dezaesseis de junho dois mil e vinte**, exarado a **folhas trinta e duas e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **QUINZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ISAÍAS ERNESTO DOMINGUES** e mulher **PURESA LEONOR DOMINGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da extinta freguesia de Parada do Monte, ela da freguesia de Couso, onde residem no Lugar de Cela, ambas freguesias do concelho de Melgaço declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, sito na freguesia de **GAVE**, concelho de **MELGAÇO**, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

PRÉDIO RÚSTICO, denominado **“PALHEIRO DE COVELO”**, sito no lugar de **COVELO**, composto por um palheiro com área coberta de sessenta e três metros quadrados e rossios de cento e dezassete metros quadrados, com a **área total de cento e oitenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Herdeiros de José de Carvalho e de **NASCENTE**

e **POENTE** com Manuel Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3443**, com o valor **patrimonial tributário de € 1 120,00**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e sete**, já no estado de **casados**, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, que lhes foi feita pelos pais do justificante marido, Manuel José Domingues e mulher Maria da Conceição Domingues, residentes que foram no lugar de Baldosa, na indicada freguesia de Gave, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, assim, há mais de vinte, anos se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, usufruindo do imóvel, gozando de todas as utilidades por ele proporcionadas, fazendo obras de reparação e conservação sempre que necessário, participando nas suas vantagens e encargos, limpando e ocupando os seus rossios, exercendo todos os direitos e deveres correspondentes ao direito de propriedade, sempre com o ânimo de quem exercita direito próprio, sendo reconhecidos como seus donos por toda a

gente, fazendo-o de forma pacífica, contínua e pública, sem oposição de ninguém e tudo isto por um lapso de tempo superior a vinte anos;

Que da justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e sete** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezasseis de junho de dois mil e vinte.
O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dezassete de junho de dois mil e vin-**

te, exarado a **folhas cento e trinta e quatro e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CATORZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ROSA ESTEVES DOMINGUES**, viúva, natural da extinta freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, residente no lugar de Cabreiros, União das Freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, declarou que a **herança ilíquida e indivisa** aberta por óbito de **José Bento Alves é dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

FRAÇÃO AUTÓNOMA designada pela **letra «AF»**, composta por rés do chão nascente, no ângulo sudeste, amplo com vinte metros quadrados, destinada a **GARAGEM**, do prédio urbano sito no lugar de **CALÇADA**, ou Rua Professor Armando Cortes número 588 e 372, ou Rua da Calçada número 12 e 6, ou Largo da Calçada, número 12, ou Senhora da Orada, número 12, **descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço** sob o número **noventa e três** da freguesia de **Vila**, em regime de **propriedade horizontal**, conforme **Apresentação um de doze de julho de mil novecentos e oitenta e nove**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2161** da mencionada União das Freguesias de Vila e Roussas, com o valor patrimonial tributário, respeitante à referida fração, de **3.146,50 €**;

Que o imóvel tem **registo de aquisição** a favor da sociedade comercial por quotas **“CONSTRUMINHO - CONSTRUÇÕES DO MI-**

NHO, LIMITADA”, com sede na Rua Queirós Ribeiro, número 127, primeiro, freguesia e concelho de Vila Nova de Cerveira, pela inscrição decorrente da **Apresentação dois de quatro de junho de mil novecentos e oitenta e sete** e sobre esta incide uma **Hipoteca Voluntária** a favor da “Caixa Geral de Depósitos”, conforme inscrição decorrente da **Apresentação quatro de quatro de junho de mil novecentos e oitenta e sete**;

Que a ora outorgante e o autor da herança entraram na posse do citado prédio, no estado de casados, por contrato verbal de compra venda que fizeram em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e oitenta e nove, com a sociedade comercial por quotas **“CONSTRUMINHO - CONSTRUÇÕES DO MINHO, LIMITADA”**, à data com sede na Rua Queirós Ribeiro, número 127, primeiro, freguesia e concelho de Vila Nova de Cerveira, sendo que a referida sociedade se denomina atualmente **“CONSTRUMINHO - CONSTRUÇÕES DO MINHO, LIMITADA SOCIEDADE EM LIQUIDAÇÃO”**, com sede na Rua Cinco de Outubro, número 156, freguesia de Vila Praia de Âncora, concelho de Caminha e está matriculada na Conservatória do Registo Comercial com o número único de matrícula e de identificação de pessoa coletiva 501666214, tendo a **dissolução** da mesma sido judicialmente decretada;

Que há mais de **vinte anos** entraram na posse e fruição imediata da fração, nela se mantendo até hoje

os herdeiros, de forma continuada, à vista de toda a gente e sem oposição de quem quer que seja, sem intenção de lesar direito alheio, praticando em relação à mesma todos os atos de aproveitamento de utilidades, nomeadamente para estacionamento de viaturas e arrumação, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custearam, tudo sem pagamento de renda, pagando os demais encargos, nomeadamente impostos, próprios de verdadeiros donos e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade pelo que esta posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e nove** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que na indicada qualidade invoca para **justificar** o direito de propriedade para fins de inscrição **a seu favor e dos demais herdeiros**, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezassete de junho de dois mil e vinte.
O Notário, Marco Gonçalves

Aguardente Bagaceira Velha Soalheiro [20 anos]

A complexidade suave da destilação lenta leva na alma a intensidade aromática do Alvarinho

João Martinho

De cor topázio, aroma complexo, delicado e perfumado, revelando uma harmonia perfeita entre o carácter da casta Alvarinho e o envelhecimento prolongado em casco de carvalho.

A Aguardente Bagaceira Velha Soalheiro é uma selecção única de garrafas numeradas que chega agora ao mercado, após mais de vinte anos a envelhecer, em alternância, entre cascos de carvalho novos e usados, esta aguardente de bagaceira - produzida a partir da destilação dos melhores bagaços da casta Alvarinho - adquire uma personalidade única. O sabor é suave e muito persistente.

As películas aromáticas das uvas da casta Alvarinho, separadas do mosto por prensagem na vindima, fermentam durante cerca de um mês em ambiente sem a presença de ar (anaerobiose). Esta fermentação transforma o açúcar residual existente em álcool, extraindo

os melhores aromas das películas. A destilação lenta em alambique tradicional contribui para concentrar esses aromas, dando origem a uma aguardente muito aromática, característica da casta Alvarinho.

A Aguardente Bagaceira Velha Alvarinho Soalheiro surgiu em 1999, com o lançamento da primeira série de 1.428 garrafas numeradas. Desde a primeira colheita, que a elaboração desta aguardente está sujeita à destilação dos melhores bagaços de Alvarinho, envelhecendo ao longo dos anos em cascos de carvalho, do qual lhe extrai a cor e a estrutura que completam o aroma intenso da casta.

Da colocação manual da rolha à lacragem, os detalhes que fazem desta aguardente ainda mais especial são vários. Veja o vídeo disponível no canal do Youtube Soalheiro.



Governo dá suplemento de 1,2 mil milhões à TAP

Costa Guimarães

O Governo apresentou um Orçamento Suplementar como resposta à crise provocada pela covid-19, o qual reflecte o Programa de Estabilização Económica e Social e prevê, entre outras medidas, um reforço adicional do orçamento do Serviço Nacional de Saúde (SNS) de 500 milhões de euros.

A proposta do Governo de revisão do Orçamento do Estado de 2020 foi debatida na Assembleia da República no passado dia 17 e encontra-se em discussão na especialidade.

ALGUMAS MEDIDAS

Novo 'lay-off' simplificado pode ser usado por um máximo de cinco meses: a medida de apoio que vai substituir o 'lay-off' simplificado a partir de julho vai ser usada pelas empresas por um período máximo de cinco meses.

Crédito Fiscal Extraordinário de Investimento: o Governo propõe reinstaurar o Crédito Fiscal Extraordinário de Investimento, criando deduções para as despesas de investimentos no segundo semestre e nos primeiros seis meses de 2021.

Contribuição adicional de solidariedade para o setor bancário: o Governo criou uma contribuição adicional de solidariedade para o setor bancário para suportar os custos da resposta ao impacto da pandemia de covid-19, consignando a receita ao Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social.

Trabalhadores independentes dispensados dos dois primeiros pagamentos por conta do IRS mas podem regularizar estes valores até à data limite para o terceiro destes pagamentos.

Áreas metropolitanas e CIM com 94ME para reposição de oferta de transportes públicos.

Alargamento do prazo de reporte dos prejuízos fiscais e limite dedutível: a contagem do prazo de reporte dos prejuízos fiscais pelas empresas é suspensa em 2020 e 2021 e o alargamento do limite de prejuízos que pode ser deduzido aos lucros das empresas aumenta de 70% para 80%.

Suspensão da Lei das Finanças Regionais para permitir aumentar dívida para permitir respostas aos efeitos da pandemia de covid-19.

Contratos públicos abaixo de 750 mil euros isentos de fiscalização prévia pelo Tribunal de Contas (TdC)

Tecto de endividamento das empresas públicas sobre

para 3% face aos 2% previstos no Orçamento do Estado aprovado antes da pandemia de covid-19.

Reforço do orçamento do SNS em 500 milhões de euros o que acresce ao reforço já efetuado no orçamento inicial para 2020 que já tinha sido um reforço substancial, afirmou o secretário de Estado do Orçamento, João Leão, agora novo Ministro das Finanças.

O ÚLTIMO ORÇAMENTO DE MÁRIO CENTENO

Este foi o último orçamento de Estado apresentado por Mário Centeno e no dia em que o viu aprovado pelo Governo, onde era Ministro de Estado e das Finanças, abandonou o cargo. Foi uma surpresa, não pelo facto, mas pelo momento escolhido.

Um ministro das Finanças popular é uma raridade. Um Governo remodelado pouco mais de seis meses depois de tomar posse, prescindindo do seu ministro mais popular, não é comum. A saída de Mário Centeno ficará para a história pela sua originalidade.

Raramente o titular das finanças sai de um governo pelo seu próprio pé, sendo muito provavelmente o cargo de maior desgaste político e o que acarreta a maior responsabilidade no País.

A ele devemos a saída de um período traumatizante com austeridade agressiva a que se sujeitou todo o povo, com aumento de impostos, redução de salários e rendimentos, privatizações e um desastroso desinvestimento nos serviços públicos do Estado, em particular na Saúde, que como agora observamos nesta crise sanitária são um pilar do nosso Estado Social.

Mário Centeno apresentou-se publicamente ao País em abril de 2015 como coordenador do programa económico que o PS iria apresentar às eleições legislativas desse ano, tendo liderado um grupo de 12 economistas que elaboraram o relatório que resumia o cenário macroeconómico que o PS desenhava para a próxima década.

Na altura, PSD e CDS, em coligação, ridicularizaram as medidas. Hoje vemos que praticamente tudo o que foi apresentado foi executado e cumprido, sem continuar a empobrecer o País e os portugueses, com rigor e firmeza nas finanças públicas, ao mesmo tempo que repunha os níveis de investimento público, os rendimentos e um crescimento económico entre 2016 e 2019 acima da média europeia.



Porventura podem criticá-lo por sair num momento decisivo onde Portugal precisa dos seus melhores para o trabalho enorme que será necessário empreender, mas deixou o trabalho de casa feito, em Portugal e na Europa, para que os seus sucessores prossigam um caminho de credibilidade numa recuperação difícil.

Mário Centeno fez-nos acreditar, em 2015, – contra toda a dúvida instalada – que é e foi possível reduzir o défice e a dívida, e em simultâneo devolver rendimento às famílias.

A irritação dos que o criticam resulta do seu destino dourado imediato, o Banco de Portugal. É a dor de cotovelo bem portuguesa a funcionar numa sociedade de gente triste, ingrata e sem memória.

Mário Centeno foi muitas coisas ao mesmo tempo. O primeiro ministro das Finanças português a presidir ao Eurogrupo, o primeiro em democracia a fechar um ano – o de 2019 – com saldo positivo, o primeiro a orçamentar um ano – 2020 – com saldo igualmente positivo. Tudo leva a crer que tinha em mente um... futuro melhor para todos nós.

Coronel Agenor Ranhada Rola

Vítima do Covid 19, faleceu em 22 de Maio, no Hospital da Cuf, no Porto, o coronel Agenor Ranhada Rolo. Contava 87 anos. Era casado com Maria Isabel Domingues Ranhada Rolo e pai de 3 homens: Agenor (filho), Ricardo e André. São suas noras: Isabel Andrade Rolo e Sara Rolo. Deixa também 3 netos: Agenor, Catarina e Henrique.



O saudoso finado era filho de Rosa Maria Guerreiro Ranhada Rolo e Angenor Gomes Rolo. Era, pois, sobrinho do senhor Mário Ranhada, do Peso, que veio também a ser seu sogro. Era ainda neto de António Maria Guerreiro Ranhada, que foi grande impulsionador das Águas do Peso.

Como militar, distinguiu-se como Comandante da GNR no Quartel da Bela Vista, no Porto e como comandante da PSP também no Porto. Fez várias comissões em África, sendo sempre acompanhado de sua mulher.

O funeral, com todas as limitações impostas pela pandemia, realizou-se a partir da Igreja dos Padres Carmelitas, na Foz – Porto.

A toda a família enlutada apresentamos sentidas condolências.

PARA AMANHÃ NÃO ACORDAR SEM JORNAIS
APOIE O JORNALISMO.
COMPRA JORNAIS E REVISTAS

#APOIENOTICIASVERDADEIRAS

UMA INICIATIVA



APOIO



PLATEIOASIS
EXPLORAÇÃO FLORESTAL LDA

LIMPEZAS FLORESTAIS E VIAS PÚBLICAS
COMPRA E VENDA DE MADEIRA E LENHA

ELI T. 939 508 863 LUCIANO T. 939 873 745
Rua Dr. AUGUSTO CÉSAR ESTEVES | EDIFÍCIO 269 - 1º DTº
ROUSSAS | 4960 MELGAÇO

Saberes e sabores de Melgaço na Casa das Infusões

Turismo rural com propostas repletas de intensidade e aromas tradicionais

João Martinho



O projecto Soalheiro descobriu uma forma de fazer perceber, a quem vem visitar Melgaço e a região, como é acordar com os aromas do campo, das plantas e o bulício da vida agrícola: Metê-los em casa.

Não é uma casa qualquer. A Casa das Infusões está rodeada de Perpétua (roxa e vermelha), Lúcia-Lima, Hortelã Pimenta Chocolate, Tomilho... Enfim, antes que lhe dê vontade de ir meter o nariz nas plantas, expliquemos melhor o conceito.

Localizada na proximidade da casa-mãe do projecto Soalheiro, a casa recuperada para turismo rural insere-se na área de produção das aromáticas que dão forma ao Soalheiro Infusões, a aposta da marca que tem vindo a conquistar apreciadores e que já integra o ritual de provas a realizar pelos visitantes que adquiram um dos packs de visitação à Quinta.

Junto à “maternidade” das aromáticas – duas estufas de pequena dimensão que garantem uma primeira ambientação da planta – a casa tem ainda como paisagem a restante plantação no solo ao ar livre, uma eira com canastro (que tem luz dentro!) e uma área coberta com muito para descobrir sobre os artefactos da vida agrícola do Alto Minho.

Cada um dos quartos (3) têm uma aromática como tema, mas as plantas ou as referências artísticas que as têm como inspiração acompanham-nos um pouco por todas as divisões.

A concepção artística de Ondina Esteves, artista de Melgaço “que foi elemento importante para a criação do conceito”, aplicando várias técnicas para a criação da arte que povoa as paredes da casa, tem as aromáticas como mote. Até na mesa da cozinha há interessantes apontamentos que não nos deixam esquecer que esta casa é um altar à natureza e tudo em redor será uma experiência sensorial.

Quem nos fala de Ondina Esteves é Maria João Cerdeira, que tem acompanhado de perto e com entusiasmo característico o projecto Soalheiro Infusões, mas tem mais para nos contar sobre um mural de fotografias que cobre parte de uma das paredes desta memórbilia familiar.

“Estava uma casa fisicamente neste espaço, por isso a temática da casa não podia ser outra. E não fazia sentido que as pessoas que nos visitam não visitassem esta casa”, considera.

Mas, além da homenagem às plantas, aquela parede em especial homenageia os antepassados de Maria João Cerdeira e de toda a família fundadora do projecto Soalheiro e leva-nos até muito antes de 1974 (ano da plantação da primeira vinha contínua de Alvarinho em Melgaço, pelo pai de Maria João).

Naquele rol de fotos, com mais ou menos pose, vemos a imagem de gente que ajudou a criar a identidade do território ao longo do século passado, ou mesmo antes, já que há memórias de quatro ou cinco gerações. Vemos a pose ativa do “antigo Regedor de Penso”, dos emigrantes do Brasil, de duas gerações de barqueiros que faziam o transporte de pessoas e bens no Rio Minho, de quem tocava – “e tinha um conjunto” - de pescadores ou agricultores que foram perpetuando a genética da família que continua a desafiar o meio em que se move.

“É uma casa onde, além de se poder dormir cá, é uma mais-valia para quem nos visita e fica aqui, porque vai poder conhecer a história que está na origem de tudo isto. Vai poder visitar as infusões, conhecer as vinhas contínuas de Alvarinho, ir à montanha, a Branda da Aveleira, visitar um capril... Vai ter motivos para vários dias de actividade e todas elas com cheiros e experiências tão diferentes”, nota Maria João Cerdeira.

“É tão abrangente e tão natural e conseguimos estar em tudo de uma forma muito privada. Nesta época de Covid-19, em que tudo nos perturba um pouco, podemos vir para aqui e estar com gente mas estar isolado, estar bem”, considerou ainda a representante do projecto Soalheiro.



**ESPECIALIDADES
DE MEDICINA
DENTÁRIA**

Dra. Dina Loureiro
Médica Dentista

- > Branqueamento dentário
- > Cirurgia Oral
- > Dentisteria
- > Endodontia
- > Implantologia
- > Ortodontia
(Damon Autoligável)
- > Ortodontia Invisalign
- > Próteses
(Fixa e Removível)
- > Tratamento Bruxismo
- > Piercing Dentário
- > Medicina Estética
(Ácido hialurónico e toxina botulínica)

Rua Direita, nº 16 - Melgaço 4960-542 • 910 130 451
(Clínica Curae Melgaço, junto à Igreja Matriz)
medicinadentariamelgaco@gmail.com
[Facebook.com/medicinadentariamelgaco](https://www.facebook.com/medicinadentariamelgaco)

Em terras alpinas, pelo centro da Europa | 8

Suíça, Áustria, Budapeste

Júlio Vaz



Praça dos Heróis: Museu de Belas Artes



Praça dos Heróis: Memorial do Milénio



Bastião dos Pescadores



Praça dos Heróis: Coluna do Milénio.



Igreja de Matias



Igreja de Matias e Pilar da Peste



Estátua equestre de Estêvão I

EM BUDAPESTE, A PÉROLA DO DANÚBIO

O programa desta nossa viagem por terras alpinas incluía, a terminar, uma incursão de dois dias na capital húngara. Por isso, a última noite em Viena não pôde alongar-se. Às 9.00 horas, despertos, de estômago aconchegado pela toma do pequeno-almoço e satisfeitas as formalidades de despedida, subíamos ao autocarro que nos levaria da pátria de *Mozart, Schubert, Haydn, Strauss* à terra de *Bartók, Kodály, Ligeti, Liszt...*

Separavam-nos cerca de 270 Km, num dia que se anunciava particularmente quente, através de uma paisagem nova e um tanto monótona – uma extensa planície semeada de torres eólicas a perder de vista – que venceríamos em um pouco mais de três horas de viagem, com uma ligeira paragem numa fronteiriça estação de serviço, já em território húngaro, para hidratar o corpo e desentorpecer os músculos.

Com algo mais de dez milhões de habitantes maioritariamente católicos (67,5%), a Hungria ocupa uma vasta planície cortada pelo Danúbio, que se estende entre os Alpes e os Cárpatos. Sem acesso ao mar, tem no grande *lago Balaton* o seu «mar da Hungria».

Tendo feito parte do Império Austro-Húngaro (de 1867 a 1918), a Hungria é hoje uma república parlamentar integrada na União Europeia.

Distraídos com estes pensamentos, foi decorrendo, leve, a viagem. De modo que, mal dando por isso, ao fim da manhã, entrávamos em Budapeste. E logo nos dirigimos a um simpático restaurante, onde, contemplado pela organização, nos foi servido um bem agradável almoço, ao mesmo tempo que nos protegíamos um pouco do maior rigor dos raios solares.

Refeitas as energias, recuperado o controlo dos músculos e esconjurado o medo do calor que se fazia sentir, demos início à visita panorâmica das zonas de *Peste* e *Buda*, prevista no programa.

BUDAPESTE

Com cerca de dois milhões de habitantes, ainda a cicatrizar feridas de um recente passado de domínio comunista, mas apostada em ressuscitar um anterior passado glorioso de finais do século XIX e em introduzir elementos de modernidade, *Budapeste* é, ainda assim, uma bela cidade, repleta de atracções cheias de encanto e beleza.

Detentora do metro mais antigo do continente europeu (o mais antigo da Europa é o de Londres) – a *linha amarela M1* (de milénar), inaugurada em 1896 por *Francisco José I* e sua esposa, a *imperatriz Sissi*, comemorando os mil anos da fundação da Hungria – não é por acaso que esta jovem e dinâmica cidade é designada por diversos epítetos, cada qual com uma carga significativa própria: ela é a capital das *Duas Cidades*, a *Paris de Leste*, a *Pérola do Danúbio*, a *Cidade dos Banhos* ou *do spa*.

Budapeste ou as *Duas Cidades*

Graças ao Danúbio, que sempre se meteu pelo meio, *Budapeste* é, na realidade, o conjunto de duas cidades com história, arquitectura, panoramas diferentes, que em 1873 se uniram no que é hoje a capital da Hungria.

Na margem direita do rio, ergue-se a altiva *Buda*, com encostas e colinas verdejantes, um castelo histórico, ruas e vielas empedradas, um centro histórico recheado de monumentos. À esquerda, estende-se a plana *Peste*, com elegantes edifícios do século XIX,

abundância de bares e restaurantes, lojas e comércio, agitação e azáfama; a preferida de quem procura animação, bulício, vida frenética, que apenas o oásis verde do Parque da Cidade consegue quebrar.

A *Paris de Leste*

Outro expressivo epíteto da capital húngara – a *Paris de Leste* – faz referência às aprazíveis caminhadas tranquilas, passíveis de se fazerem ao longo de amplas e requintadas avenidas, ou nos românticos passeios dispostos ao longo das margens do rio, ou, ainda, ousando a aventura de um passeio de barco nas plácidas águas do Danúbio, ao ritmo ondulante de uma célebre valsa que *Johann Strauss*, em 1867, lhe dedicou. Tudo isto connotando a parisiense elegância e requinte da magnífica atmosfera e das atracções turísticas de Budapeste.

A *Pérola do Danúbio*

Segundo mais longo rio da Europa (a seguir ao Volga) – são quase 3.000 Km de extensão – o Danúbio atravessa quatro grandes capitais europeias (*Viena, Budapeste, Bratislava* e *Belgrado*) mas é a capital húngara que dispõe de uma das mais românticas zonas ribeirinhas da Europa; o que explica este terceiro epíteto – a *Pérola do Danúbio* – com que é com frequência referida.

A *Cidade dos Banhos*

Mas Budapeste é ainda conhecida como a *Cidade dos Banhos* ou *Cidade do Spa*. O que bem se compreende: repousando sobre um imenso lençol de águas termais, com dezenas de termas espalhadas pela cidade, os banhos termais tornaram-se uma tradição húngara e a

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

população local tem enraizado o hábito de frequentar as piscinas de águas termais para um relaxante banho no fim do trabalho.

A capital húngara constitui, também por isso, um singular destino turístico na Europa. Os visitantes têm



Vista de Parlamento e Danúbio

ao seu dispor excelentes estâncias termais. Designadamente as mais famosas, que vêm já do século XIX: tendo à frente as *Termas de Széchenyi* (as mais famosas), vêm a seguir as *de Gellert* (com a fama de as mais bonitas e organizadas) e as *de Rudas* (as mais antigas e aconchegantes).

A Avenida Andrassy

Após esta apresentação, para um primeiro contacto com a capital húngara, nada melhor do que a sua mais popular e emblemática artéria, a **Avenida Andrassy**.

Construída entre 1872 e 1885, em execução de uma decisão governamental de 1870, visando aliviar o intenso tráfego da paralela rua *Király* e ligar o centro da capital ao *Parque da Cidade*, esta obra, na mente do principal responsável pelo projecto (o barão *Frigyes Podmaninski*) e do seu mais entusiasta impulsionador (o primeiro-ministro *Gyula Andrassy*, de quem receberia o nome) faria também de Budapeste uma capital mundialmente conhecida.

Com 2,5 Km de comprimento e rodeada de casas e palácios neorrenascentistas, com belas fachadas, escadas e interiores, a *Avenida Andrassy* foi declarada *Património da Humanidade* pela UNESCO, em 2002, integrada num conjunto designado *Budapeste*, que engloba também a *Praça dos Heróis*, as *Margens do Danúbio* e o *Bairro do Castelo de Buda*.

Caminhando ao longo desta emblemática avenida, pudemos constatar a tentadora presença de elegantes boutiques de moda das melhores marcas ali representadas – *Armani*, *Louis Vitton*, *Christian Dior*, *Burberry*, *Gucci* ou *Dolce & Gabanna* – mas fomos também brindados com a maravilhada contemplação de imponentes edifícios e monumentos de requintada arquitectura, servindo a arte, a cultura, a história pátria.

É o caso da **Ópera Estatal Húngara**, da *Broadway de Pest* (quatro teatros em quatro esquinas do mesmo cruzamento), da *Praça Franz Liszt* (com a *Academia de Música Franz Liszt* e vários cafés) ou da *Casa Memorial de Liszt* e a *Antiga Academia de Música*. Como é também o caso do bem humorado *Teatro de Marione-*

tes, da *Casa Memorial de Zoltán Kodály* (um dos mais destacados músicos húngaros de sempre, que viveu de 1882 a 1967 e foi também notável pedagogo, linguista e filósofo), ou do temeroso *Terror Háza* – um museu que é um memorial dos principais regimes opressores da Hungria – o *fascismo* e o *comunismo* – e suas vítimas.

A Praça dos Heróis

Como é, ainda e sobretudo, o caso da **Praça dos Heróis**, que, situada num dos extremos da avenida *Andrassy*, é uma das mais importantes praças de Budapeste.

Rodeada por dois importantes edifícios – o *Museu de Belas Artes*, à esquerda, e o *Palácio da Arte*, à direita –, ela ostenta, ao centro, um conjunto de especial importância e significado na história da Hungria – o **Memorial do Milénio** – com estátuas dos líderes das sete tribos magiares que no final do século IX fundaram a Hungria e de outras notáveis personalidades da história húngara.

Iniciada com as celebrações dos mil anos da fundação do país (em 1896), a sua construção só terminaria em 1929, quando a praça recebeu o nome por que hoje a conhecemos.

Observando mais de perto aquele monumento, vimos algumas das personagens históricas ali representadas. Na série de colunas da esquerda, estão, entre outros, *Santo Estêvão I* e *São Ladislau I*; nas colunas da direita, são-nos familiares os nomes de *João Corvino* e *Matias Corvino* (o da Igreja de Matias, de que adiante falaremos); e na coluna de 36 metros de altura que se ergue mais ao centro – a **Coluna do Milénio** – vemos, lá no alto, o *Arcanjo Gabriel*, e, à volta, cá em baixo, montados nos seus cavalos, os líderes das sete tribos magiares que em 896 fundaram a nação húngara.

Bastião dos Pescadores

Do outro lado do rio, no alto da colina do Castelo de Buda, está o **Bastião dos Pescadores** – um terraço em estilo *neogótico* e *neorromânico* – um dos mais lindos monumentos de Budapeste. Apesar do seu aspeto medieval, é do início do século XX e serve propósitos meramente decorativos.

Projectado por *Frigyes Schulek* e construído entre 1895 e 1902, constitui uma homenagem às sete tribos magiares que, em 896, fundaram a Hungria. As tribos estão representadas pelas sete torres que formam o monumento. E o nome é uma homenagem a uma associação de pescadores que, na Idade Média, era responsável pela defesa daquele troço dos muros da cidade.

Pela sua privilegiada localização, o **Bastião dos Pescadores** tornou-se o miradouro principal de Budapeste. Das suas sete torres, têm-se as melhores vistas sobre alguns dos principais ícones da cidade: a *Ponte das Correntes*, o *Parlamento*, a *Basílica de Santo Estêvão*. E se a visita se processar encostada à noite, então o encanto será outro, com Peste iluminada reflectida nas águas do Danúbio.

Igreja de Matias

Rodeada pelos terraços do **Bastião dos Pescadores**, com a chamativa cor brilhante do telhado e sua fantástica ornamentação neogótica, ergue-se, elegante e bela, a **Igreja de Matias**, a igreja católica mais famosa de Budapeste, cuja extraordinária beleza impõe se lhe

faça uma ainda que breve visita.

Os seus vestígios mais remotos vêm do século XIV. Mas, constantemente destruída pelos invasores, nomeadamente os otomanos, a Igreja (que também alberga um museu sacro) pouco conserva de original; e o que hoje na verdade ali se vê, fruto de sucessivas reconstruções em épocas muito distintas, é uma feliz mescla de estilos – *românico*, *gótico*, *barroco*, *renascentista* – que resultou numa obra de uma beleza impressionante. O seu actual estilo predominantemente neogótico assim como os lindos frescos e vitrais que a adornam datam do século XIX.

Oficialmente dedicada a *Nossa Senhora*, ela é, porém, popularmente conhecida como **Igreja de Matias** – que muitos erradamente referem a São Matias, mas que na verdade faz alusão ao Rei húngaro *Matias Corvino*, que é dito ter sido aí coroado em 1458, aí consta ter casado em 1474 com Beatrice de Nápoles e sob cuja responsabilidade se procedeu a um seu profundo restauro.

No século XVI, durante a ocupação turca da Hungria, os turcos chegaram a fazer dela a sua *Grande Mesquita*, só retomando a sua original função de igreja católica após a expulsão dos invasores.

Aqui teve lugar, em 8 de Junho de 1867, a coroação de *Francisco José I* e sua esposa *Sissi* como reis da Hungria, numa cerimónia de carácter político-religioso em que foi executada, pela primeira vez, a *Missa da Coroação*, de *Franz Liszt*. A obra foi-lhe para o efeito encomendada pelo arcebispo de então. Com 55 anos de idade, pianista unanimemente aclamado (há quem no considere o maior pianista de sempre) e respeitado compositor de renome, Liszt pôs nesta tarefa todo o seu empenho: e criou uma obra de arte musical cheia de unção e sentido de transcendência, acessível a executantes normais; uma obra digna do fervoroso homem de fé e patriota devotado que ele era. Ironicamente, porém, o notável compositor não foi formalmente convidado para a solene cerimónia nem o foi sequer para dirigir a sua música. Limitou-se, simples e humilde, a assistir, do coro, à sua execução.

Local privilegiado para a celebração de casamentos e coroações reais, aqui teve também lugar, em 1916, a coroação de *Carlos IV*, o último rei da dinastia dos Habsburgo.

Graças à sua boa acústica, a Igreja de Matias é com frequência solicitada para concertos de órgão e de música clássica.

Em frente à Igreja de Matias, no centro da *Praça da Santíssima Trindade*, erguido em 1714, o *monumento barroco da Santíssima Trindade*, também conhecido como **Pilar da Peste**, constitui um memorial às vítimas da peste de 1691.

Encontra-se também, nessa praça entre o Bastião dos Pescadores e a Igreja de Matias, uma linda estátua equestre de **Santo Estêvão** (*Estêvão I*, o primeiro rei da Hungria, que reinou de 1000 a 1038).

Com tudo isto, o escasso tempo foi-se escoando e o dia declinando. Eram horas de descer. O autocarro esperava para levar-nos ao *Hotel Radisson*. Aí acomodado, após um reparador duche refrescante, desci até à recepção, onde uma muito agradável visita me aguardava para irmos jantar: um jantar familiar, sem tempo, descontraído, bem-disposto, um jantar muito, muito saboroso.

Fotos: Ester Taveira

PIZZARIA

T. 251 403 058



Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA



MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO

ABVP apresentou em Castro Laboreiro “Viagens de uma Vida”

Autores querem campanha #euficoempportugal também no Inverno

João Martinho

A Associação de Bloggers de Viagem Portugueses (ABVP) lançou o apelo a alguns municípios portugueses e Melgaço respondeu com “celeridade e eficácia” ao apelo da associação que representa os “maiores bloggers de viagens do país” para que fosse apresentado por cá o livro “Viagens de uma Vida”, a primeira compilação em papel de uma selecção de 25 viagens pelo mundo.

A ABVP comemorou em Março o seu primeiro aniversário mas adiou as comemorações e abertura de ‘presentes’ para mais tarde. Acabou por acontecer no mês de Junho, dando a conhecer a partir de Melgaço – desde a casa castreja do Núcleo Museológico de Castro Laboreiro, em transmissão online através das redes sociais que somou ao longo do directo quase dez mil visualizações – o livro e os projectos que dão o pontapé de saída para a época turística em período de pandemia.

O jornal “A Voz de Melgaço” esteve em Castro Laboreiro no dia da transmissão e conversamos com Filipe Morato Gomes, presidente da ABVP e autor do blog Alma de Viajante e com Rui Barbosa Batista, vice-presidente da mesma associação e autor do blog BornFree, que nos avançaram algumas iniciativas que estão a levar os bloggers portugueses a ver e sentir Portugal na época alta... e preparar a época tradicionalmente baixa.

Para já, a apresentação do livro “Viagens de uma Vida” vem reforçar a mensagem da iniciativa #euficoempportugal, na qual 48 bloggers portugueses, “com o mundo na bagagem” se espalharam pelo território nacional, nas regiões turísticas de norte a Sul, para conhecer os recantos do país, para lá dos pontos assinalados como “sete maravilhas”.

Filipe Morato Gomes sublinha a intenção do evento em Castro Laboreiro, onde a apresentação desta compilação de viagens em livro para falar da iniciativa #euficoempportugal, “cujo objectivo é promover o território nacional, estimular o turismo interno, principalmente nos territórios de baixa densidade, como é o caso de Castro Laboreiro”.

“Houve uma série de autarquias e Regiões de Turismo que se interessaram por ter a apresentação. Temos que destacar a agilidade, a celeridade e a eficácia com que Melgaço se antecipou e soube agarrar a iniciativa. Poderíamos ter ido para outros locais, não foi apenas a parte afectiva e emocional que nos trouxe cá, foi também esta perseverança da autarquia em trazer-nos para, vale a pena salientar isso”, confessou o vice-presidente da ABVP (e BornFree) Rui Barbosa Batista.

“É o melhor investimento que uma autarquia pode fazer em termos de promoção, porque isto foi partilhado na rádio Antena 1, que é uma rádio nacional, e



na página de cinquenta bloggers de viagens. Na associação temos os maiores bloggers de viagens do país, e foi transmitido em cinquenta páginas em simultâneo”, reforçavam, indicando haver visualizações desde Londres até à Austrália no mapa de espectadores.

Sobre o turismo, os bloggers perspectivam que nos próximos meses os portugueses vão privilegiar as experiências no território nacional e, nesse contexto, “vão dar primazia a lugares mais tranquilos, a casas de turismo rural, em detrimento de grandes empreendimentos turísticos dos destinos mais massificados”.

Os representantes da única associação de bloggers portugueses querem um maior reconhecimento e estatuto profissional para os criadores de conteúdos que vão aos quatro cantos do mundo e do país, conquistando a confiança dos leitores/seguidores nas várias plataformas digitais com a sua aventura e credibilidade no momento de contar a experiência.

“As pessoas confiam muito nos bloggers e no trabalho deles, são os melhores agentes para a promoção do território. O Turismo de Portugal está a por em curso uma campanha de dois milhões de euros com um vídeo e a promoção desse vídeo e fez bem em apostar. Se apostasse um por cento desse valor numa associação como a ABVP, que damos voz a todos os palcos do país, não vamos apenas aos sítios emblemáticos do país mostrar as maravilhas de Portugal, vamos aos recantos do país e chegamos a todo o lado como ninguém. Temos tido uma série de contactos, a coisa está a evoluir, mas acredito que a ABVP [os bloggers] serão os parceiros privilegiados para pôr os portugueses a descobrir mais e melhor Portugal”, considerou Rui Barbosa Batista.

“As pessoas procuram cada vez mais as experiências. Seja os cheiros, os sabores, as pessoas... E aquilo que nós fazemos no nosso quotidiano é exactamente isso, partilhar experiências. Contar narrativas na primeira pessoa de coisas que vivenciamos”, completa Filipe Morato Gomes.

A autenticidade da escrita no momento de contar



como foi, sem se limitar “a dizer maravilhas de tudo só porque sim”, tem granjeado a ambicionada credibilidade aos autores dos blogs, mas a associação quer outro reconhecimento das entidades para um criador de conteúdos que não vive de “borlas” dos sítios por onde passa.

“Na campanha #euficoempportugal, os bloggers estão a dar o seu trabalho gratuitamente aos sítios onde vão. É o nosso contributo. Mas os bloggers de viagens não vivem de um hotel grátis e uma refeição de borla, porque tem prestações de casa para pagar, gasolina, filhos”, observam.

Pretendem “trazer a ética do jornalismo para o mundo dos blogs”, para que a relação com os promotores e os leitores seja também por isso salvaguardada, mas também analisar aquilo que tem para oferecer, promovendo a formação dos associados. “Queremos que os bloggers de viagens cada vez mais escrevam melhor, tirem melhores fotos, lidem melhor com as redes sociais, com os vídeos para inspirar ainda mais e melhor e de forma mais fiel os portugueses”, notam.

Depois de colocar os bloggers no terreno em época de Verão, a associação quer que a campanha #euficoempportugal tenha uma edição de Inverno. Um desafio para “combater a sazonalidade” do sector do turismo.

“Euficoempportugal vai ter agora edição de inverno. Pretendemos combater a sazonalidade, que é complicada para os hotéis, mas para essa campanha precisaremos do envolvimento das regiões de turismo e turismo de Portugal”, indicam, revelando que esses contactos já estão a acontecer e é por isso cada vez mais uma certeza.

“Destinos como Melgaço são o futuro na área do turismo”

“Era natural que isto acontecesse em Melgaço. Aceitamos de imediato, demos o apoio possível dar para que a iniciativa acontecesse cá, porque temos a noção de que são estes os canais adequados, ou os mais adequados neste momento, para fazer chegar a mensagem do território e do que tem para oferecer e para captar públicos diferenciados”, considerou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.

O autarca recebeu um exemplar da obra, brindou com os bloggers e manifestou convicção na estratégia de Melgaço para o turismo deste período de desconfinamento.

“A crise financeira poderá ter algumas repercussões no sector do turismo, mas acredito que serão muito mais notadas no turismo de massas, enquanto destinos turísticos como o nosso não só não tem de temer nada em relação ao futuro como tem de perceber que são o futuro na área do turismo, e crescer de forma exponencial”, assinalou.



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ovidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

Comissão Política Concelhia de Melgaço do Partido Socialista aprovou por unanimidade moção sobre a situação da Covid-19 na sua reunião de 12 de Junho

Pela primeira vez desde que temos memória, uma pandemia mundial motivada pela disseminação do COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2 / 2019-nCoV), levou ao decretamento do estado de emergência em Portugal e ao confinamento de toda a população durante cerca de três meses.

Em paralelo e por causa da crise sanitária provocada pela pandemia, assistimos também a uma crise económica abrupta e sem precedentes, que irá necessariamente deixar sequelas na vida das pessoas.

A pandemia obrigou à aprovação de medidas legislativas inéditas, com eficácia geral, que passaram, entre outras, pela restrição da circulação de pessoas e mercadorias, proibição do contacto social, sujeição a quarentena obrigatória das pessoas suspeitas de contaminação ou infetadas, tendo ainda sido decretado o encerramento obrigatório das escolas e outros serviços públicos, e ainda o encerramento da fronteira com Espanha.

Neste contexto, a comunidade melgacense e as suas instituições souberam estar à altura do desafio e souberam trabalhar e cooperar conjuntamente, desde a primeira hora, para evitar uma propagação crescente da pandemia, com efeitos difíceis de calcular.

Por isso, merece especial destaque, antes de mais, a população de Melgaço que, de uma forma responsável, soube acatar as recomendações de confinamento emanadas pela Direção-Geral de Saúde, permanecendo em casa. E mesmo nos casos de necessidade de sair para satisfazer as suas necessidades básicas, de alimentação, saúde ou trabalho, respeitou sempre todas as recomendações em matéria de uso de meios de proteção individual e distanciamento social.

Mas merecem também especial destaque as diversas instituições e coletividades do concelho, em especial, o Centro de Saúde, a Escola Secundária, os Bombeiros Voluntários, a Guarda Nacional Republicana, a Movi-jovem, a Melsport, as Juntas de Freguesia e os diversos movimentos de voluntariado que se organizaram para apoiarem as instituições que careciam de apoio no combate à pandemia. Todos eles foram incedíveis na prontidão e eficácia das medidas adotadas para travar o avanço da pandemia.

No contexto da emergência sanitária provocada pelo alastramento rápido e crescente da pandemia, cumpre especialmente dar nota do papel de enorme relevo assumido pela Câmara Municipal de Melgaço, enquanto entidade que não poupou esforços para assegurar a proteção da saúde dos melgacenses.

Com efeito, a Câmara Municipal de Melgaço desde a primeira hora que defendeu “uma ação musculada e imediata” no combate ao vírus, adotando medidas de mitigação e combate à pandemia, de que cumpre salientar, designadamente, as seguintes:

- Contratualização de laboratório para assegurar a realização de testes de despiste e diagnóstico do novo Coronavírus, a utentes e profissionais das Instituições existentes no território;
- Adaptação do Pavilhão Gimnodesportivo do Centro de Estágios para Hospital Avançado;
- Ativação da Pousada da Juventude para alojamento de profissionais de saúde, tendo sido utilizada pelos utentes do Lar Pereira de Sousa;
- Encerramento dos Serviços Municipais, garantindo os serviços de água, saneamento e resíduos, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Melgaço e a Comissão Municipal de Proteção de Pessoas Idosas de Melgaço.

- Realização de reuniões de Câmara através de vídeo conferência;
- Criação de condições para os colaboradores da autarquia assegurarem em teletrabalho a prestação de serviços à população;
- Cancelamento e/ou adiamento de eventos culturais;
- Apelo ao isolamento social através de mensagem de voz emitida pelo carro da proteção civil, outdoors, redes sociais e flyers, em todo o concelho;
- Cooperação da GNR em ações de dissuasão da utilização do espaço público;
- Higienização dos espaços e equipamentos públicos;
- Criação de Bolsa de Voluntários, tendo alguns deles executado tarefas na Santa Casa da Misericórdia;
- Impedimento das deslocações dos colaboradores do município em serviço, para fora dos limites do concelho, incluindo atividades de formação;
- Suspensão da utilização dos equipamentos culturais, bem como o Solar do Alvarinho, a Porta de Lamas de Mouro e a Loja Interativa de Turismo, com exceção de atividades letivas ou de ensaios;
- Suspensão das atividades e eventos desportivos que se realizem em equipamentos Municipais ou espaço público municipal;
- Suspensão da utilização de equipamentos desportivos municipais, estando apenas autorizados os treinos e competições oficiais para equipas de atletas federados, bem como as atividades curriculares, sendo que nos treinos e competições não está autorizada a assistência de público;
- Suspensão de eventos em salas/auditórios dos equipamentos municipais;
- Suspensão das atividades em articulação com outras entidades, nomeadamente, “Projeto Atividade” e “Diabetes em Movimento”;
- Suspensão das feiras semanais, a partir do dia 13 de março;
- Disponibilização da cantina do Agrupamento de Escolas de Melgaço para apoio alimentar em caso de necessidade, tendo sido efetivamente ativada para apoio à Santa casa da Misericórdia;
- Isenção de juros de mora no atraso do pagamento das faturas referentes aos serviços prestados pelo Município até final de junho, bem como suspensão dos cortes do serviço de abastecimento de água;
- Suspensão do pagamento de rendas dos estabelecimentos comerciais propriedade do Município até final de junho;
- Suspensão do pagamento de rendas dos espaços em funcionamento no Mercado Municipal até final de junho;
- Suspensão do pagamento de taxas referentes à utilização das bancas do Mercado Municipal e lugares da feira semanal até final de junho;
- Suspensão do pagamento de licenças das esplanadas dos estabelecimentos ligados à restauração;
- Isenção total das tarifas nos serviços de abastecimento de água, saneamento e resíduos urbanos para os consumidores não domésticos, nos meses de abril e maio;
- Aplicação do 1º escalão relativo à tarifa variável nos serviços de abastecimento de água, saneamento e resíduos urbanos, a todos os consumidores domésticos;
- Oferta de equipamentos de proteção individual às IPSS, Santa Casa da Misericórdia e Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço;

- Encerramento de Parques Infantis e Parque Geriátrico de Prado (cruzamento EN202);
- Implementação de cerca sanitária em Parada do Monte;
- Desinfecção do Centro de Saúde, por uma equipa especializada do Exército, a pedido da Câmara Municipal;
- Criação de uma linha dedicada ao apoio a situações urgentes de cariz social;
- Apoio a várias famílias que se encontram perante uma situação de vulnerabilidade socioeconómica, para que tenham acesso a bens essenciais para uma alimentação saudável e equilibrada;

Lançamento, em parceria com a Delegação Local da Cruz Vermelha Portuguesa, de uma campanha de recolha de géneros alimentícios, artigos de higiene pessoal e de limpeza para apoiar o número crescente de famílias que tem recorrido à Loja Social.

Tratam-se de medidas que, consubstanciando um esforço financeiro superior a € 125.000, permitiram um combate rápido e eficaz à propagação da pandemia e dos seus efeitos, evitando dessa forma um alastramento do número de infetados e de mortos no nosso concelho.

É certo que apesar de todos os esforços conjuntos desenvolvidos, ainda assim, não foi possível evitar a morte de 10 pessoas e a infeção de 86 pessoas até esta data, em Melgaço. Estes números seriam, porém, incomensuravelmente superiores não fosse a rápida e eficaz ação de toda a comunidade e das instituições do nosso concelho.

Cumprido, por isso, em primeiro lugar, lamentar as mortes ocorridas no nosso concelho e endereçar às respetivas famílias sentidas condolências.

E cumpre de seguida, por ser da mais elementar justiça, enfatizar nesta hora o papel de enorme relevo que a comunidade melgacense e as suas instituições tiveram no combate à pandemia do coronavírus.

É certo que a disseminação do coronavírus não terminou, que os seus efeitos irão sentir-se durante muito tempo, que há o risco de novas vagas da pandemia e que todos teremos de nos adaptar a este “novo normal” na nossa vida quotidiana. Mas estamos certos que com o empenho de todos conseguiremos, enquanto comunidade, travar os efeitos da propagação do vírus e salvaguardar a saúde de todos os melgacenses.

(* *Texto da moção aprovada por unanimidade na reunião ordinária de 12 de Junho de 2020 da Comissão Política Concelhia de Melgaço do Partido Socialista*

ALUGO PARA FÉRIAS

JULHO/AGOSTO/SETEMBRO

NA VILA, JUNTO ÀS MURALHAS, RÉS/CHÃO
INDEPENDENTE COM:

4 Quartos, 2 Casas de Banho, Cozinha,
Sala de Estar com TV e Internet,
Grande Terraço com Churrasqueira.

Tel. 251 403 019 | Tlm: 968 674 608

“Da Casa de Sende aos Governos do Maranhão, do Piauí e Grão – Pará” – Último Livro de Ernesto Português

Alberto Pereira de Castro

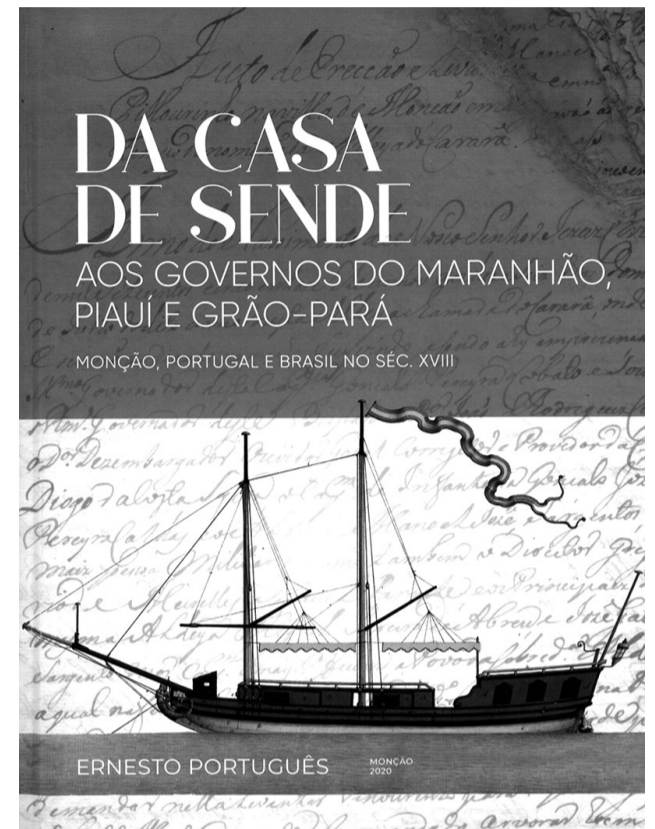
Quando em 2002, vai já para 18 anos (o tempo passa!) lemos neste mesmo jornal a apresentação do livro “**São Salvador de Cambezes. Memória e Identidade de um povo**”, feita, com alguma pompa e circunstância, por um conterrâneo nosso, da envergadura do Prof. José Marques, não podemos evitar alguma perplexidade, pois para nós, o nome de Ernesto Português era simplesmente desconhecido. Como é evidente, adquirimos o livro, por sinal, um espesso volume com a História completa de uma freguesia; e, note-se, não só a História, mas plena de ensinamentos, dizendo-nos, inclusivamente, por onde deveríamos caminhar, que elementos deveríamos colher se quiséssemos atingir idênticos objectivos.

Veio a seguir **São Tiago de Pias/ História e Cultura**, tendo por base a Comenda de São Tiago de Pias explorada até ao pormenor com segurança e maestria. Um livro, onde, além de colhermos muita informação sobre Casas, Famílias e Clerezia local, nos transmite ensinamentos da maior utilidade. Como o Autor escreveu na Introdução “foi um acto de amor que brotou de um impulso interior com o objectivo de entender o presente e perspectivar o seu futuro, já que não há futuro sem passado”.

Sem qualquer desdouro, para outras muitas publicações suas - e já sem falar, nos dois grossos volumes da Tese de Doutoramento sobre o Monsenhor Airosa - Ernesto Português, aceita o convite do Administrador do emblemático **Palácio da Brejoeira** para escrever a História deste antigo e nobre edifício, seus momentos de grande fausto e de declínio, até surgir pujante de vida na actualidade conciliando a sua longa e rica história com uma agricultura moderna e pujante. “Esta obra - explica-nos Ernesto Português - surge da vontade do actual administrador, Emílio Sousa Magalhães, que há uns anos me endereçou o convite, mas que por múltiplas circunstâncias, foi sempre sucessivamente adiado à espera de melhor oportunidade. Entretanto, movido pela curiosidade científica pelas muitas interrogações pessoais e ainda pelo estímulo de outras variadas circunstâncias, aceitei o repto que agora se torna realidade. Abro janelas, mas não certamente todas as portas”. Isto quer dizer, no mínimo, o seguinte: Ernesto Português é um escritor, a sério, mas sem pressas. Por isso, tal como os demais, este é um trabalho que se adivinha demorado, paciente, de muita procura e muita investigação, em que os juízos são emitidos devidamente pensados, elaborados, com conta e medida. Ernesto Português, que tem a recomendá-lo a sua profunda e cuidada preparação técnica e científica, é, definitivamente, um elemento de grande destaque não apenas no panorama local, mas nacional. E se dúvidas houvesse, elas deixariam de existir face a este seu último trabalho, aparentemente de interesse relativo, mas que, que na realidade, constitui um tributo do maior quilate pago à História nacional e ao Brasil pelo trabalho desenvolvido pelas três gerações de uma importante Família minhota, monçanense, nada e criada no nosso meio que ele trás com grande segurança e esclarecimento para o primeiro plano, através da descoberta de um espólio documental, desorganizado, mas de extraordinário valor. “Sabemos que os arquivos pessoais, normalmente de difícil acesso, constituem valiosas fontes de pesquisa, seja pela sua especificidade do tipo de documentação que os caracterizam, seja possibilidade que oferecem de complementar informações constantes de outras fontes consideradas oficiais. O renovado interesse pela

pesquisa nestas áreas da história da vida privada e de história do quotidiano, bem como o interesse crescente pelas análises do tipo biográfico, tem aumentado a procura deste tipo de fonte chamando a atenção para a importância da sua preservação, organização e consulta. A descoberta deste fundo documental, pelo seu conteúdo e contextualização num marco mais amplo revela-se, desde já, como um valioso contributo para a (re)interpretação da história local e, quiçá, para a compreensão da história nacional e brasileira, no tocante a alguns estados”. Conservado ao longo de três séculos compreende um conjunto muito significativo de documentos relativa a 3 gerações sucessivas da Família da Casa de Sende nos Milagres, termo de Monção, donde saíram três governadores para o império colonial e brasileiro que abrangem o período do séc. XVII ao séc. XIX com incidência no séc. XVIII com farta documentação importante respeitante aos governadores das Capitânias do Maranhão, do Piauí e do Estado do Grão Pará. No entanto, este fundo documental não está devidamente organizado e sistematizado, tendo a caixa respectiva sido encontrada no meio de outros documentos do espólio da Casa de Sende compreendendo um período de 1732 a 1793. Por isso, aceite a empresa, é fácil de adivinhar as dificuldades com que o Autor lutou para encadear os factos, contextualizá-los, dar-lhes sentido e nexos, recorrendo a sítios tão diversos e longínquos como a Torre do Tombo, o Arquivo Histórico Militar, o Arquivo Ultramarino ou os Fundos Paroquiais, além de muita biografia em que se baseia em muitas circunstâncias para reconstituir factos e acontecimentos.

Primeiro, assistimos ao embate com os espanhóis (diríamos melhor galegos) quando em Monção em 1658, João Pereira Caldas, juntamente com Francisco da Cunha da Silva, e sob o comando experimentado de D. Lourenço de Amorim Pereira, Comandante do Terço Velho de Entre Douro e Minho, resistem heroicamente durante quatro meses ao cerco montado por aqueles para tomarem a vila e partem daí para a libertação de Salvaterra em posse dos portugueses durante quinze anos, e, depois de uma curta estadia em Angola e no Brasil, onde assume o governo da vila da Mocha, volta para Portugal, e é, em 1687, governador de Caminha e em 1700 de Monção.” As cartas endereçadas a João Pereira Caldas são particularmente interessantes porque contêm informações relativas a aspectos geográficos, políticos e de ordem individual relativos à Família. Há informações únicas em que os autores participam ou presenciam, oferecendo depoimentos vivos e pessoais de viagens e de factos históricos relevantes. Alguns fazem luz sobre factos que desconhecíamos e que agora tornamos públicos para honra e glória de quem enfrentou tantas dificuldades por lugares tão inóspitos do interior brasileiro”. Viajamos para o Brasil com Gonçalo Pereira Caldas e Sousa, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício, Mestre de Campo de Infantaria (correspondente a Coronel) Auxiliar do Exército de Sua Majestade, já com 65 anos, e os seus dois filhos João Pereira Caldas e Gonçalo José. Perguntamos, (também nós), o que aquele velho e calejado militar pretendia: se encetar nova vida, se lançar os dois filhos no Comando militar e na liderança da Governação. E a verdade é que o vemos como Governador seguro e lúcido do Estado de Guanabara, palmilhando milhares de quilómetros, norteando a sua acção por critérios esclarecidos aportuguesando muitas povoações com nomes como Viana (em honra,



supomos, de sua Mulher), Monção, (agora a festejar os 250 anos da sua fundação), Milagres, (a sua terra natal), Valença, isto é dando um cunho pessoal à sua governação e que havia de ser seguido mais tarde por outros. Destacamos a criação dos Correios, a execução do decreto de liberdade dos indígenas, a extinção e expulsão dos Jesuítas, a extinção Companhia dos Privilegiados, tendo sido os seus elementos incorporados no Corpo de Polícia, é criada a Companhia Geral do Comércio do Grão Pará e Maranhão em 1755 e, por último a criação de um Regimento de Infantaria na cidade de S. Luís do Maranhão. “À medida que certas zonas pela sua localização estratégica ou de melhor produtividade, atraíam a fixação permanente de gente europeia, a coroa introduzia uma administração mais formal, sob a forma de organização municipal. E “no Maranhão, na segunda metade do séc. XVIII a estrutura de governo adoptada foi a de governo do tipo tradicional de municípios”. Daí à criação de governos municipais vai apenas um pequeno passo sendo encarregado da sua constituição no Maranhão Gonçalo Pereira Caldas, nomeado Brigadeiro de Infantaria e Governador do Estado do Maranhão.

E o Autor esclarece-nos: “Esta é em breves traços a vida e obra deste monçanense ilustre que, apesar da idade, e sem grande experiência de governação, conseguiu administrar uma grande Capitania e aí implementar a nova forma de governo em alguns dos seus distritos, realizando grandes obras à sua custa com reconhecimento da Coroa e dos historiadores do presente, mas defraudando os bens de sua Casa”.

Evidentemente que, na sua acção, temos que considerar dois aspectos: primeiro, a sua larga vivência política em Monção onde foi Vereador da Câmara, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Juiz de Confrarias, criação de um Hospício para os Padres do Oratório a fim de ensinarem Gramática, Moral e Filosofia em Monção, e, aquando da morte de D. João V, foi encarregado das

Continua na pág. seguinte

O “Confinamento”...

António Jorge Tavares

É sempre um problema colocar o título para o artigo que escrevo, conforme revelei isso no meu anterior artigo. Também o envio do texto tarde e a “más horas” acabo por criar outro problema ao Carlos Vaz que não merece. Tenho respeito por ele, por este jornal, e também pelos leitores que o recebem em suas casas, alguns em lugares bem longínquos, como o nosso dedicado amigo Carlos Lemos, na longínqua Austrália.

Mas, como me disse ainda estes dias, o Júlio Domingues, que não devia deixar de escrever o artigo todos os meses, quando desabafei que nem sempre arranjo assunto para escrever. Ainda não é desta vez que vou escrever sobre a EN 13, de Viana até Valença, e vice-versa, onde os camiões, os semáforos, as rotundas, levam ao desespero de todos aqueles que necessitam de transitar nesta via. Ficará para uma próxima vez, Júlio...

Mas, hoje dia 28, num domingo de confinamento, pedi ao meu filho Salvador, assinante e jovem leitor do jornal que me ajudasse para o título que deveria dar ao artigo que escrevo. E, ele disse-me que depois do anterior “É proibido, proibir...” do mês passado, escrevesse sobre o problema que o confinamento está a trazer às pessoas. O título foi sugerido por ele.

Não quero ser polémico, nem agressivo nas minhas palavras, mas estamos a viver uma situação que não nos passaria pela cabeça, para todos aqueles, como eu, que entrámos já a festejar três quartos de século de vida!

Hoje, dia 28, o meu amigo e compadre Paulo, festeja os seus 75 anos de vida. Vive no momento só, “confinado”, como ele diz na sua “favela”, num pequeno apartamento da cidade do Porto. Felizmente, contou-me que teve o telefonema dos seus filhos, e não lhe faltaram os telefonemas dos muitos Amigos que tem. Não se sentiu tão só, e deu graças a Deus (como ele diz), por

se encontrar vivo. É um optimista por natureza, pois apesar de uma vida adversa, encontra motivos todos os dias para andar animado.

Pela parte que me toca, estou também a festejar os meus três quartos de século quando este jornal estiver nas mãos do leitor, mais propriamente a 4 de julho. Tenho que também dar as minhas graças por me encontrar com saúde, neste momento de novo em Ponta Delgada, para poder acompanhar os meus dois filhos: o Rui Salvador e o João Pedro. O Salvador, também nativo do signo caranguejo, faz os seus 15 anos no dia 2 de julho.

São aterradoras as notícias que em todos os noticiários dados pelas televisões, se anunciaram tantas mortes, provocadas pelo terrível vírus que nos ataca. Temos que andar “mascarados”, afastados dos convívios de quem gostamos, e sem qualquer esperança de que tudo em breve possa acabar, para voltarmos a ter uma vida normal.

A seguir, são as perspectivas pouco animadoras de que a economia possa ultrapassar esta fase sem grandes danos, quando sectores vitais como a construção, o turismo e a prestação de serviços está a passar por um mau momento; porque as estatísticas dos desempregados não deixam de aumentar; as dificuldades de quem tinha negócios de restauração e de alojamento por este país fora, embora em alguns casos conseguem aguentar, nem todos podem dizer o mesmo. Não é a chegada de alguns voos de turistas estrangeiros que preferem vir para o nosso país, que farão o milagre de que tudo está bem. É necessário que haja uma grande confiança para que outras companhias possam voltar a realizar os seus voos, como por exemplo o caso da TAP. E ao falar da TAP, não pode a companhia esquecer a importância do norte do nosso país, e acabar com ligações que tinha anteriormente. No caso de Ponta Delgada, existia uma ligação diária do Porto, e agora, existe apenas três li-

gações na semana a partir de Lisboa, obrigando a que as pessoas do Porto, tenham que passar por Lisboa, demorando um voo de duas horas, por vezes seis horas, devido a ter que esperar ligações.

As regras impostas pelo “confinamento”, criaram problemas nas reuniões e festas que pelo país aconteceram. As autoridades, estão por vezes a intervir em casos onde se encontrem mais de 10 pessoas a festejarem por qualquer motivo; claro que isto pode acontecer quando exista uma queixa por parte de terceiros. Claro que é pena, não se poder festejar uma festa quando tal acontece, como foi muito recentemente não se poder festejar os tradicionais santos populares. Todos nós ficamos mais tristes, e até as vendedoras de manjericos tiveram que fechar a venda nas bancas mais cedo. Ainda ontem, também um grupo de jovens, foi dispersado pela PSP, no jardim da cordoaria. Sinais dos tempos.

Esperemos que as nossas idas para as praias, não tragam problemas de maior para as pessoas que gostam de estar em sossego. Ainda hoje, uma das nossas televisões apresentou uma reportagem em que os cães poderiam estar no maior à-vontade com os seus donos, numa das praias da linha (Oeiras). Não tenho nada contra os animais, mas criarem-se “condições especiais”, isso não é de compreender.

Não me alongo mais nos meus comentários, e deixei em paz neste artigo os nossos políticos, aguardando que estejam serenos para tratar com eficiência esta “maldita pandemia”. Não quero esquecer mais uma vez, e louvar todo o trabalho e dedicação dos nossos profissionais de saúde, desde os médicos ao mais simples funcionário hospitalar, pela dedicação que têm votado. Obrigado.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Continuação da pág. anterior

diligências para o mais lustre das solenes exéquias; segundo, o apoio de D. José e do seu primeiro - Ministro, o Marquês do Pombal. Mas o mesmo aconteceu com seu filho mais novo João Pereira Caldas, Governador de Ipaú, que acompanhou o pai com apenas 17 anos, e iniciou a sua actividade como Ajudante de confiança de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal e mais tarde Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar. Fez a transição do reinado do Marquês do Pombal para D. Maria I, “sem qualquer beliscadura mercê dos serviços prestados que lhe granjearam a maior estima dos superiores hierárquicos, inclusivamente do Marquês do Pombal”, e que teve uma acção da maior preponderância na definição dos Limites. Ganha o Grau de Capa e Espada, e, na hierarquia militar, atingindo o mais elevado Posto de Marechal de Campo. Como sinal da sua múltipla acção relevante conta-se a construção dos primeiros edifícios públicos da Capitania, a criação da Companhia dos Dragões, a organização da Justiça e os serviços de saúde e, num só ano, percorreu toda a Capitania identificando os seus problemas e necessidades”. “O serviço da Pátria era, acima de tudo, uma honra, e não uma forma de enriquecimento”. “A história é uma construção e o trabalho importante do historiador consiste exactamente na recolha, interpretação e explicação dos factos. Enquanto o cronista se preocupa em mostrar que a uma coisa se segue outra, sendo por isso uma mera catalogação de factos, o historiador procura as conexões do factual. E não podemos esquecer que a história, antes de ser colectiva, é pessoal. Daí o nosso empenho na busca do conhecimento do percurso desta ilustre personalidade”. D. José nomeia-o para o cargo de Governador e Capitão General do Estado do Pará e Maranhão, e mais tarde Capitão General e Governador do Estado de Grão Pará. Não parte agora para um “reino” desconhecido. Como já tivemos ocasião de demonstrar ele já conhecia os recantos desse imenso

território. Do Grão - Pará, hoje dividido em vários b Estados. Teve um conhecimento directo da sua administração, ao trabalhar junto de Mendonça Furtado e por isso dominava a problemática, ainda não resolvida, referente às demarcações com a Espanha. Pereira Caldas pertenceu à elite dos mais distintos Governadores que o Grão Pará teve, durante anos, desempenhando o duplo papel de político e militar”. Mas, “no séc. XVIII o Grão - Pará constituía o maior Estado dessa Colónia e era constituído por toda a imensa zona, a Amazônia, tendo tido várias capitánias subordinadas como o Maranhão, Mato Grosso, Cuiabá e Rio Negro”. Promove ainda a fortificação de Belém do Pará, cria a Vila Nova de Mazagão na foz do Amazonas, propicia a instalação de 176 famílias de Belém para a nova Província, cria uma Guarda de Cavalaria que é considerada a mais antiga unidade de Cavalaria do Brasil, edifica o forte de S. Joaquim e estimula a construção naval” tendo o rio Amazonas como a grande auto - estrada para onde convergem os rios Branco e Negro com os seus imensos afluentes, formando um intrincado labirinto fluvial.” Preside à demarcação dos Limites entre 1780 e 1789. Enfim, Pereira Caldas ganha a confiança plena de D. Maria I e de Martinho de Melo e Castro, Ministro da Marinha que decidiram que “era mais útil aproveitar a larga experiência adquirida pelo militar e redireccioná-la para os trabalhos do Tratado Preliminar de 1777, onde é investido num cargo de alta responsabilidade na dos Limites com Espanha”, acabando a sua carreira em Lisboa ao serviço do Conselho Ultramarino como Conselheiro de Capa e Espada”. “João Pereira Caldas gastou a sua vida ao serviço da Pátria como recorrentemente afirmamos, e foi incansável no seu trabalho em prol da colonização do território brasileiro”. Findou os seus dias em Lisboa e instituiu por seu universal herdeiro o irmão Gonçalo Pereira Caldas, ao tempo Coronel de Infantaria de Valença, seu imediato sucessor na ordem

de sucessão dos Vínculos e Morgados, da mesma asa de que é possuidor e Administrador.

Um quinto interveniente, Gonçalo Pereira Caldas, que foi Governador da Praça de Valença e das Armas do Minho teve um papel fundamental na reorganização do Regimento que reconstituiu e rejuvenesceu tornando-o altamente operacional como se veio a provar apesar das verrinosas tiradas de um José Caldas que dizia mal de tudo e de todos como muitos que ainda andam por aí.

Claro que o espólio algo desfalcado segundo entendemos, ainda tem muito para ser estudado e desbravado, agora que os herdeiros da Casa de Sendes decidiram pôr o muito que encontraram no espólio à guarda do Arquivo Municipal 1 pondo-o a salvo da oportunista cobiça dos antiquários, e são pessoas como o Doutor Ernesto Português que hão-de com coragem e com dinamismo de levar a carta a Garcia... para bem de Monção tão carido, ainda hoje, de gente que cuide e investigue sobre as coisas da sua terra, depois do Padre Manuel Bernardo (Pintor) e do dr. José Garção Gomes, que não eram de Monção, mas tanto deram de si e do seu esforço à formosa terra de Deu-la-Deu. Os descendentes da Casa de Sendes não podiam ter encontrado para o estudo e a divulgação do espólio um Historiador com mais envergadura do que o Doutor Ernesto Português, exemplar pelo seu carácter, pelo seu imenso saber e pela sua extrema dedicação à História dos Homens e da Cultura da sua terra. A Câmara de Monção e a Casa Museu de Monção/ Universidade do Minho, com a publicação deste cuidado trabalho, acabam de prestar à História de Portugal e do Brasil um serviço de valor inestimável. Deus queira que os monçanenses o leiam com o mesmo interesse e devoção com que nós o fizemos.

NOTAS:

1 Este espólio não está completo, mas o Autor identificou no antiquário que o adquiriu as peças que lhe faltam

Indonésia | 4

M. J. Lobo



Móveis em bambú



Nem todas as casas têm pompa e circunstância



Outros cultivos em socalcos



À beira de um búfalo em plena estrada



Com os donos da casa onde dormimos



Miúdos pela estrada, entre o intrigado e o envergonhado



O nosso alojamento



Um sketch



O nosso guia vestido à Ronaldo!



Os peixes prontos a escolher

NAS ALTITUDES DE SULAVESI A MAGIA DAS CULTURAS TRADICIONAIS

A seguir a uma vivência muito intensa que descrevemos anteriormente, de uma parte das tradições seculares de homenagem aos antepassados pelos povos destas montanhas com um enquadramento de especial pompa e circunstância por envolver uma das mais importantes famílias tradicionais desta cultura, seguiu-se uma experiência muito diferente.

A nossa caminhada pelas encostas

Imaginem um percurso a pé durante dois dias pelos caminhos de altitude atravessando campos de arroz nas encostas, visitando as aldeias de Tana Toraja, cruzando-nos com habitantes locais nas suas tarefas diárias, com as crianças a caminho da escola.

O nosso guia foi o Daud, um indonésio de uma aldeia vizinha, que se expressava bem em inglês e nos fazia o enquadramento nas técnicas usadas, esclarecendo dúvidas.

Uma vivência de imersão total na paisagem, sempre com montanhas ao fundo cheias de vegetação.

Nos caminhos pedonais cruzávamo-nos afavelmente com os habitantes locais, por vezes com as crianças a caminho da escola. Cada um deles nos seus percursos a pé para as respectivas actividades diárias.

Nós, fascinados com vistas panorâmicas lindíssimas, imersos numa Natureza a ser vivida e sentida, travávamos o andamento para desafiar a contemplação!

Atravessamos florestas de enormes bambus, esse material de uso universal, essencial na construção destas casas extraordinárias em feição de barco, mas ainda nas mobílias, nos andaimes, em toda espécie de aplicações.

Seguem algumas fotos da paisagem especialmente interessantes pela favorável incidência do sol.

Campos de arroz em socalcos nas montanhas

Os campos de arroz alagados formavam patamares, quais degraus, pelas encostas das montanhas abaixo, a perder de vista. Inesperado e surpreendente, o tratamento minucioso dos campos de arroz, alagados, com trabalhadores locais espalhados no meio deles, descalços e com os pés dentro de água, a cuidar da sua boa evolução.

Perguntamos com curiosidade: donde vem a água aqui na encosta? Mostraram-nos fios de água que desciam de altitudes superiores e eram encaminhados para

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior



Campo de arroz nas montanhas



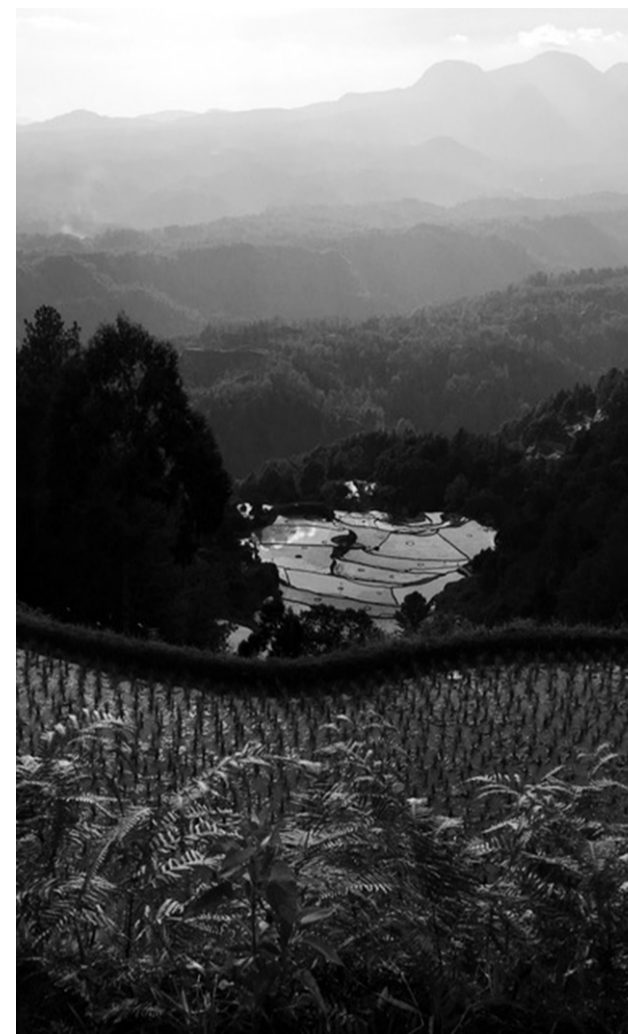
Peixes fresquíssimos como nunca vimos



O pôr do sol visto da Ilha das Flores



Um sketch feito na Ilha das Flores ao pôr do sol



Campos de arroz nas montanhas, quase surreais...

caírem pelas vertentes na direcção conveniente para os campos de arroz. Sabedorias milenares em que a necessidade aguçou o engenho ...

Os búfalos

Estranhámos a quantidade de búfalos. Por toda a parte apareciam, em trabalho ou presos à beira da estrada. Os búfalos são os únicos animais que aqui vi a serem utilizados para os trabalhos da agricultura.

Soubemos então que este é o búfalo de água, cujo meio preferido é estar semi-mergulhado sempre que pode, e muito comum na Ásia. Na verdade é o animal usado em todos os trabalhos agrícolas. Os outros animais criados aqui, para uso humano, são os porcos e as galinhas.

Os búfalos brancos (albinos), quando aparecem, são especialmente valiosos para certos rituais.

Pernoitar num tongkonan e acordar ao cantar do galo

Ao fim do dia fomos acolhidos numa aldeia próxima por uma simpática família local com instalações já preparadas para nós todos. Onde? Nessas sempre extraordinárias casas-barco, feitas em bambú, sobre estacas, e portanto ficamos sempre a um nível de uma espécie de piso mais alto.

Pelo chão circulavam e cacarejavam galinhas e galos entre o aglomerado das casas.

À nossa volta, na distância, só se avistavam arrozais em socacos. Ao longe, o recorte das montanhas enquadrava o pôr do sol.

Que memórias inesquecíveis!

As ornamentações exteriores da casa onde dormimos exibiam com destaque muitos chifres de búfalos fixados sempre uns sobre os outros a ornamentar a entrada principal, como acontecia muitas vezes. Sinal de estatuto e prosperidade.

O jantar, em casa desta família, foi ao estilo local.

Tínhamos trazido na mochila uma muda de roupa e o necessário para passar uma noite.

O despertar foi o canto dos galos, inconfundível em qualquer lugar da terra...

Ainda tomamos o pequeno almoço, incluído na hospitalidade da casa, que dispõe desse serviço.

No final desta interessante experiência tínhamos à nossa espera na estrada, um conjunto de “ojeks” (moto-táxis) que nos levaram de regresso a Rantepao, de onde tínhamos partido no dia anterior. E com uma surpresa no programa.

Ainda havia uma visita...

Desta vez o nosso guia trazia vestida uma camisola vermelha com o número 7 em homenagem a Ronaldo! Podem ver na foto, o que documenta a sua popularidade universal, até nas montanhas das ilhas Celebes!

Onde vamos ainda? O nosso guia fez questão de nos levar a uma visita guiada por um dos vários e extraordinários cemitérios para assim se perceber o ciclo completo desta cultura dos antepassados. Inesperada e única, tem-se conservado através dos séculos mesmo com a adopção de outras religiões.

Há ainda tempo para relaxar ... Apanharemos o autocarro nocturno de regresso a Makassar. Onde chegaremos de madrugada.

Voo para Labuan Bajo.

Enigmático? Simples... aterraremos na Ilha das Flores, onde a tradição portuguesa está especialmente enraizada e onde as igrejas católicas se mantêm baptizada com este nome pelos portugueses que aí se instalaram e onde a religião dominante continua por isso por ser a católica, o que contrasta com outros locais onde já estivemos nesta viagem onde em poucos dias encontramos sucessivamente templos budistas, ou ouvimos a chamada à oração das mesquitas muçulmanas, nos cruzamos com o hinduísmo, entramos nos cemitérios tão surpreendentes de Tana Toraja

Encontramos igrejas católicas e uma devoção que nos é familiar e aqui perfeitamente inesperada.

Labuan Bajo é uma vila piscatória muito movimen-

tada com saídas de barco para todas as pequenas ilhas que lhe são próximas.

Um pôr do Sol magnífico

Chegámos a tempo de nos instalarmos numa esplanada de um café local, empoleirada na encosta virada para o mar, a contemplar os embarcadouros muito movimentados.

O pôr do sol foi espectacular, mesmo no nosso horizonte. Segue um registo fotográfico que talvez dê uma ideia...Belíssimo!

Jantar num mercado de peixe

Tão inesperado como um espanto foi o nosso jantar neste dia...surpreendente pela frescura do peixe, variado e pescado no dia.

A extensão ocupada pelas mesas, o número de clientes abancados, a perplexidade da escolha perante do peixe exposto, fresquíssimo, mas desconhecido pois habitava mares tropicais! Cada um ia percorrendo as várias barracas expositoras e a escolh era à sorte, a apontar com o dedo...e seja o que Deus quiser. Mas frescura não faltava. As mesas eram grandes as pessoas iam-se sentando.

Como éramos um grupo maior conseguimos ocupar uma mesa só para nós. A freguesia era imensa.. Quem sabe, sabe! Um jantar memorável, delicioso, ao ar livre e pouco mais que à luz das estrelas.

A dormida foi repousante, em hotel.

De manhã um espreguiçar lento ...a sentirmo-nos refeitos.

E depois do pequeno almoço, oh maravilha, embarcamos para uma pequena ilha daquelas onde se mergulha num mar de uma transparência azul turquesa.

A Indonésia é um país sem monotónias e com uma incrível variedade de experiências.

Sempre a surpreender. Até ao próximo episódio!

Histórias da retoma: Duarte Costa e um quase contrabando de bacalhau... em doses

João Martinho

Duarte Costa gere e apoia, juntamente com o pai, o restaurante “O Adérito”, que dispõe de uma das maiores salas no que respeita a estabelecimentos de restauração em Melgaço, sentiu de perto o ataque económico da pandemia.

No início Estado de Emergência, devido ao surto pandémico, o restaurante viu-se obrigado a fechar, no cumprimento das recomendações da Direcção-Geral da Saúde e do receio dos clientes em estar em locais públicos aglomerados sociais.

Assim, depois de quinze dias “totalmente fechados”, o restaurante viu no take-away uma oportunidade para manter alguma actividade e os funcionários. Colocou o serviço de cozinha em funcionamento “no início de Abril” e, contrariando o seu pior receio, a adesão popular “começou a correr razoavelmente bem e a haver mais adesão”, sobretudo á hora de almoço.

A ajudar a que os clientes escolham consoante as suas preferências está a divulgação da ementa semanal através das redes sociais e a prática ajuda inclusivamente a organização do restaurante, que assim percebe pelos pedidos quais são os pratos que tem mais adesão.

No topo das preferências está (e a informação não irá causar estranheza aos mais atentos) o bacalhau e o cabrito. No caso do primeiro, pela preferência que

conquistou junto dos vizinhos galegos, Duarte Costa conta-nos este envolvimento num quase caso de ‘contrabando’, bem ‘à moda’ do século XXI.

“Recebi uma mensagem de um cliente, que é Guarda Civil, que não podendo passar na ponte, tentou junto dos colegas que que eles deixassem que lhe fosse lavar o bacalhau até à barreira [instalada na ponte internacional entre Melgaço e Arbo], mas os colegas não deixaram”, conta-nos Duarte Costa, revelando que o persistente apreciador de bacalhau não desistiu: “Encomendou para quarta-feira [dia 1 de Julho, em que abriram as fronteiras] quatro doses de bacalhau.

Actualmente, com o trânsito transfronteiriço normalizado, prevê começar a trabalhar a cem por cento numa sala que, contudo, só pode trabalhar a cinquenta. Ainda assim, conseguirá instalar “com o distanciamento necessário” cinquenta pessoas.

A outra metade, para pequenos eventos que surjam, defronta-se com um ano em que os eventos festivos, como casamentos ou baptizados “está tudo cancelado”.

“Poderá haver melhorias, mas não podemos estar a contar. Vai ser difícil. As pessoas estão a voltar mas aos poucos e aquela afluência que havia ao fim-de-semana, antes disto, não está a haver. Muitos turistas que virão, vão ficar no turismo de casa rural. Se forem para o



Hotel, vem à restauração, se vão para casa de turismo rural, a única possibilidade será pedirem take-away. Já tive clientes que estavam em casas de alojamento rural e telefonaram a pedir”, analisa Duarte Costa.

Considerando esta eventual aumento do serviço de comida para fora, Duarte Costa prevê fazer algumas entregas ao domicílio nos meses de Julho e Agosto, colmatando assim a falta de quem “se habituou a levar a marmita para o trabalho” e agora não Verão, com a alimentação “mais à base de saladas, é mais difícil voltarem nesta época. Mas vão voltar”, diz Duarte Costa.

Histórias da retoma: Hotel Monte Prado reabre com positivismo e projecto para “mais dez quartos exteriores” em 2021

João Martinho

Com a reabertura a 19 de Junho, o Monte Prado Hotel & Spa faz um “balanço positivo” da retoma sa segunda metade do mês transacto.

O regresso, “ainda mais atento à limpeza e de serviço e organização” reforça a qualidade do atendimento aos 35 quartos que neste período têm ocupação. Além disso, a contingência da pandemia não coíbe a empresa de renovar as instalações ou até implementar novos conceitos já no próximo ano.

“Temos 57 quartos, sete novos quartos e sete totalmente remodelados já a pensar no futuro, porque a ideia é reformular os quartos todos do Hotel. A perspectiva, para o próximo ano, é criar mais dez quartos exteriores em conceito bungalow, ficando com um total de 67”, avança Hélio Correia, Director-Geral da unidade hoteleira.

Sobre o impacto do encerramento de fronteiras nos últimos meses, Hélio Correia revela que 60 a 70 por cento da ocupação do hotel era de turistas nacionais

“já antes da pandemia Covid-19”, mas admite que o pedido de reserva por parte dos espanhóis aumentou neste período.

“Acho que estão ansiosos que abra a fronteira e começar a desfrutar de Melgaço também. Melgaço tem tudo para dar certo”, salientou.

Para enfrentar a nova vida daquela unidade hoteleira, Hélio Correia diz que a empresa está “a seguir novas tendências”, com a readaptação de programa, estabelecer parcerias com empresas locais e inserir actividades como o ténis e o yoga.

“O alojamento local, de casa, seguramente está a ser muito procurado, mas nós hotel temos outras polivalências e serviços que um alojamento local não tem. O cliente ou procura estar completamente isolado e vai cozinhar as suas refeições, ou vai procurar um serviço de 24 horas de comidas, piscinas... Surpreendeu-me esta abertura, porque a procura está a ser muito grande”.

Hélio Correia considera ainda assim não pretender



uma ocupação superior a 70 por cento. “Temos de dar uma imagem de segurança e conforto”. Com esta missão presente, o hotel não abrirá para já à utilização a piscina interior, o banho turco nem o jacuzzi. “Não será a melhor altura para o efectuar. Não estamos aqui para aceitar tudo e passar a ideia de que não queremos saber”.

Melgaço e Galiza novamente sem muros físicos (nem sociais)

João Martinho



O presidente da Câmara Municipal de Melgaço acompanhou os presidentes de Junta de Cristóval, Castro Laboreiro e Paderne no momento da abertura das três principais passagens transfronteiriças entre o concelho de Melgaço e a Galiza, à primeira hora de 1 de Julho.

Os alcaldes de Entrimo, Padrenda e de Arbo marcaram também presença no acto que marcou o momento da reabertura das fronteiras que unem Melgaço a Espanha. “Dois povos, unidos por um território único, voltam à partilha normal das suas vidas e das suas economias. A fronteira voltou a ser aquilo que deve ser, uma linha que une e faz acontecer Europa”, considerou Manoel Batista, na mensagem da retoma da actividade social e comercial entre os dois países.